

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Comunicações apresentadas
ao Colóquio

“Sistemas de povoamento do território português
no decurso do Bronze Final”

(Fábrica da Pólvora de Barcarena, 23 de Outubro de 2012)

O SISTEMA DE POVOAMENTO DO BRONZE FINAL NO BAIXO ALENTEJO – BACIA DO GUADIANA

António M. Monge Soares¹

1. INTRODUÇÃO

A região que irá ser objecto de estudo constitui *grosso modo* o Baixo Alentejo interior (FEIO, 1983). Trata-se de uma penepalanície, atravessada sensivelmente a meio, no sentido norte-sul, pelo rio Guadiana. É este rio, qual espinha dorsal, que estrutura a região. Terá sido, desde sempre, a via de penetração por excelência do litoral para o interior, o elemento que une as duas margens, mas também a barreira que as pode separar, o reservatório de água que dá vida às populações que vivem na sua proximidade. O rio Guadiana e os seus afluentes terão assim constituído factores importantes, quando não o factor principal, para a fixação das comunidades agro-pastoris pré e proto-históricas, designadamente as do Bronze Final, de que nos ocuparemos neste trabalho.

A bacia do Guadiana, mesmo fora dos limites da região que nos ocupa, e ao contrário do que acontece, por exemplo, nas bacias do Douro e do Tejo, apresenta uma fraca dissimetria transversal, orográfica e climática (DAVEAU, 1988). Contudo, acidentes geográficos separam algumas sub-regiões naturais com características próprias, definidas não só pelo seu enquadramento oro-hidrográfico, mas também pelo tipo de solo (Fig. 1). Na margem direita, considera-se a região de Beja, com os seus barros férteis (os barros negros de Beja), limitados a norte pela Serra de Portel, a este pelo Guadiana e a ocidente pela bacia terciária do Sado que, conjuntamente com as Serras de Grândola e do Cercal, se interpõe entre o Baixo Alentejo interior e as planícies do Alentejo Litoral. A sul, as rochas xistosas do Maciço Antigo, que se estende até à serra algarvia e que integra a Faixa Piritosa Ibérica com o seu cortejo de minas (Aljustrel, S. Domingos) exploradas desde a pré-história. Na margem esquerda, de forma grosseiramente triangular, podem identificar-se também sub-regiões naturais: o Baixo Ardila, as serranias de Barrancos, o Campo de Serpa, também com a sua zona de barros, e a Serra de Serpa. O Baixo Ardila é limitado, a oriente, pelas serranias de Barrancos, que integram o Alto Ardila, e, a sul, pelas Serras de Ficalho, da Adiça e da Preguiça; para lá destas, a oeste, fica o fértil Campo de Serpa; a sul da Serra de Ficalho, começam os terrenos xistosos e as elevações da Serra de Serpa, que se prolongam pela Serra de Mértola. Os terrenos com boas ou razoáveis aptidões agrícolas, integrados no Baixo Ardila e no Campo de Serpa, são pois bordejados, a oriente e a sul, pelos terrenos xistosos de Barrancos e da Serra de Serpa, respectivamente. Os terrenos xistosos de Barrancos, ricos em minérios de cobre, prolongam-se, na província de Huelva (Andaluzia, Espanha), por terrenos também acidentados que culminam nas elevações dos Picos de Aroche e, mais além, pela Serra de Aracena. Os Picos de Aroche separam, nessa zona, a bacia do Ardila da bacia do Chança, a qual aí já se inter-relaciona com a campina onubense. Por seu lado, a bacia do Alto Ardila ou, talvez, mais propriamente, a

¹ IST/ITN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Estrada Nacional 10, 2686-953 Sacavém amsoares@ctn.ist.utl.pt

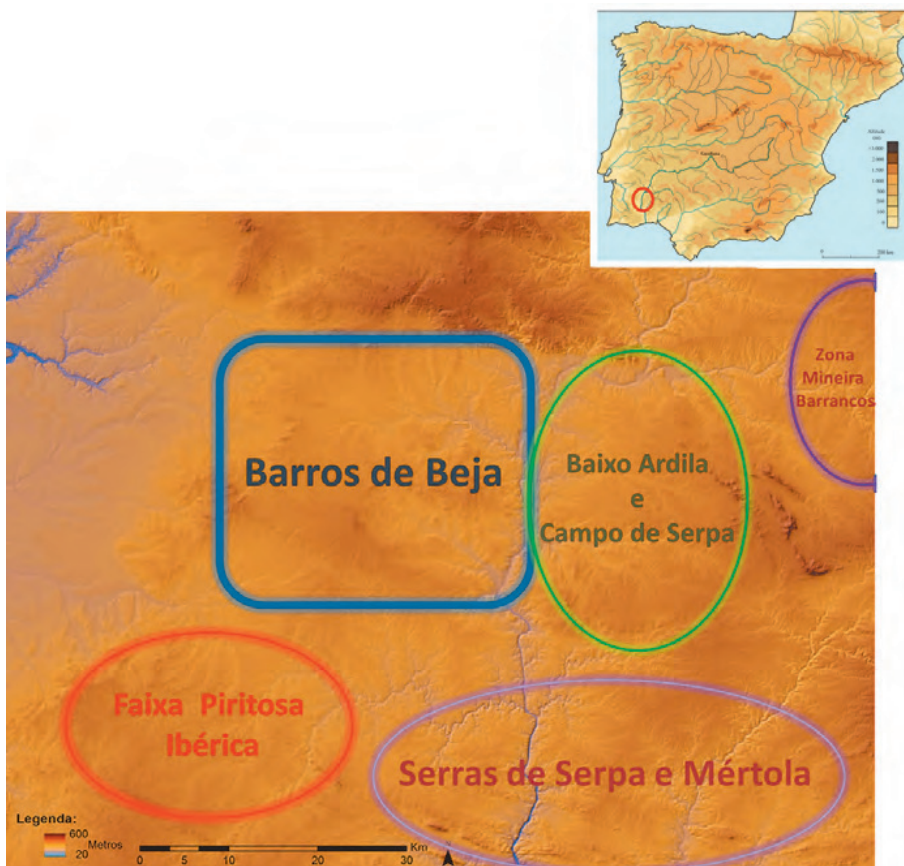


Fig. 1 – Localização da região em estudo na Península Ibérica e regiões naturais do Baixo Alentejo interior.

bacia do rio Murtigão estabelece a transição, a norte, com a Estremadura espanhola. Regressando ao lado português, os relevos residuais, designadamente as Serras da Preguiça, da Adiça e Álamo e as de Belmeque definem vales férteis que se apresentam, aqui, como corredores de passagem entre a bacia do Chança e a do Ardila.

Os terrenos xistosos, esqueléticos, com pouca ou nenhuma aptidão agrícola, a não ser a pecuária, contém, contudo, jazidas minerais de interesse, nomeadamente de cobre (Fig. 1). É o que acontece, como já se referiu, na região mineira de Barrancos e, mais a sul, na Faixa Piritosa Ibérica. Jazidas do mesmo metal surgem

também numa faixa de direcção NW-SE, entre Ficalho e Moura, associadas a uma formação dolomítica portadora de diversas mineralizações (VAIRINHO *et al.*, 1991), a qual está largamente distribuída nos relevos residuais, atrás referidos, integrantes dessa faixa e onde também podem surgir minerais de prata (jarosites). Em duas jazidas de minerais de cobre aí situadas, as minas de Rui Gomes e do Monte do Judeu, foram encontrados martelos mineiros pré ou proto-históricos (FLORES & ARAÚJO, 1945). Também na região de Barrancos se recolheram martelos mineiros (recolhi, eu próprio, vários na escombreira da mina de Minancos, ainda inéditos) e existem várias escombreiras/minas com vestígios de trabalhos antigos (HANNING *et al.*, 2010; MÜLLER *et al.*, 2007). De igual modo, na mina da Juliana, uma mina de cobre, não longe de Beja, foram encontrados machados e escopros de bronze e percutores líticos que poderão indiciar uma exploração proto-histórica (BOTTAINI *et al.*, 2012).

Como resultado dos trabalhos de prospecção e das diversas intervenções arqueológicas integradas em Projectos de Investigação ou de salvamento, estas últimas, na sua maior parte, desenvolvidas nestes últimos anos e relacionadas com o Empreendimento do Alqueva, diversas necrópoles atribuíveis ao Bronze Pleno (Bronze I e II do Sudoeste, segundo SCHUBART, 1975), e povoados atribuíveis quer ao Bronze Pleno, quer ao Bronze Final do Sudoeste, têm sido identificados na região em estudo. Estes registos modificaram por completo o panorama, conhecido nos anos setenta, referente ao Bronze do Sudoeste nesta região, que levava SCHUBART (1974, p. 354-355) a afirmar que *“algumas zonas parecem estériles en cuanto a hallazgos... este mismo hecho ocurre con Concelhos enteros, por ejemplo con la zona relativamente grande de Serpa”*. Estas novas ocorrências têm tido implicações importantes no que se refere, por exemplo, ao conhecimento que temos sobre o acervo cultural (SOARES, 2005; VALÉRIO *et al.*, 2013), a rede de povoamento (ANTUNES *et al.*, 2012a; PARREIRA & SOARES, 1980; SOARES,

2007; SOARES *et al.*, 2012), os rituais funerários (ALVES *et al.*, 2010; SOARES, 1994, 2009; Soares *et al.*, 2008) ou a cronologia do Bronze (Pleno e Final) do Sudoeste (BARROS & SOARES, 2004; SOARES & MARTINS, 2010).

À medida que novos dados vão sendo publicados, novas modificações importantes podem ocorrer. Por isso, parece-me ser altura de fazer um ponto de situação no que se refere à rede de povoamento do Bronze Final na bacia do Guadiana no Baixo Alentejo, de que tratará este trabalho, e à cronologia do Bronze do Sudoeste, no seu todo, que será também objecto de publicação neste volume dos EAO, em trabalho conjunto com os colegas Rui Mataloto e José Matos Martins (MATALOTO *et al.*, 2013).

Neste último trabalho, a base de dados (datas de radiocarbono) para o Bronze do Sudoeste em que nos apoiámos, com cerca de centena e meia de elementos, permite estabelecer com grande segurança as balizas cronológicas em que se desenvolve o Bronze Final nesta região – as primeiras manifestações surgem em meados do último quartel do II Milénio a.C. e tem o seu término em fins do século VIII a.C., cerca de uma centena de anos antes do surgimento do que se convencionou designar por Pós-Orientalizante. A transição para a Idade do Ferro no interior alentejano é, na realidade, marcada por um lento processo de transformação dos diversos vectores culturais que caracterizam o Bronze Final (veja-se, por ex., no referente à tecnologia metalúrgica, VALÉRIO *et al.*, 2010).

Já a transformação do Bronze Pleno para o Bronze Final na região em causa traduz-se, entre outros factores, pelo adensar da ocupação do território, designadamente da ocupação em altura (até então, durante o Bronze Pleno, o povoamento caracterizava-se por povoados abertos de planície, aparentemente de dimensão reduzida), pela modificação dos rituais e da arquitectura funerária (aparente desaparecimento dos hipogeus e das cistas e ausência de dádivas funerárias), pela ocorrência de novas decorações na cerâmica (ornatos brunidos), enquanto que a produção metalúrgica se intensifica e se diversifica com o domínio da produção do bronze.

2 - OS POVOADOS

Neste trabalho serão apresentados de um modo necessariamente abreviado, embora remetendo para a literatura disponível, todos os sítios de *habitat* do Bronze Final conhecidos até hoje na área em estudo e que se encontram assinalados na Fig. 2. Tal como se fez em trabalho anterior referente à cerâmica de ornatos brunidos na margem esquerda do Guadiana (SOARES, 2005), esses sítios serão agrupados em quatro conjuntos, tendo em conta a posição que ocupam no terreno, bem como as suas dimen-

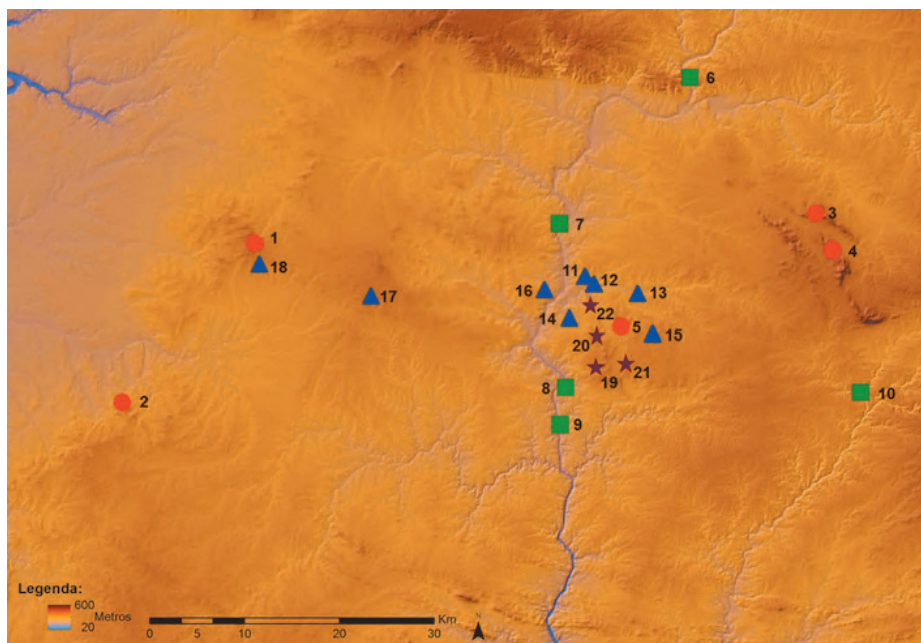


Fig. 2 – Os povoados do Bronze Final do Sudoeste no Baixo Alentejo interior. *Povoados de altura*: 1 – Outeiro do Circo; 2 – Cerro da Mangancha; 3 – Serra Alta; 4 – Álamo; 5 – Castelo de Serpa; *Povoados Fortificados das Margens do Guadiana e Afluentes*: 6 – Ratinhos; 7 – Laço; 8 – Misericórdia; 9 – Crespa; 10 – Passo Alto; *Povoados abertos de planície* 11 – Casa Branca 1; 12 – Salsa 3; 13 – Entre Águas 5; 14 – Santa Margarida; 15 – Cidade das Rosas 4; 16 – Folha do Ranjão; 17 – Pi-sões 5; 18 – Arroiteia 6; *Pequenos povoados aparentemente fortificados* 19 – S. Brás 1; 20 – S. Gens; 21 – Moitão d'Altura (Alpedrede 3); 22 – Quinta do Pantufo.

sões: 1 – povoados de altura; 2 – grandes povoados fortificados das margens do Guadiana ou dos seus afluentes; 3 – sítios de planície aparentemente sem quaisquer sistemas de defesa; 4 – pequenos povoados (área <1 ha) aparentemente fortificados.

Os designados povoados de altura implantam-se no cume aplanado de relevos bastante altos ou que, embora não atinjam cotas elevadas, se destacam na peneplanície envolvente. Poderão ou não ser fortificados.

Os povoados fortificados do Guadiana ou dos seus afluentes são sítios de grande dimensão que ocupam áreas superiores a 1 ha e se situam na vizinhança imediata daqueles rios, isto é, nas suas margens.

Os sítios de planície ou povoados abertos situam-se normalmente junto a pequenos ribeiros, são de fácil acesso e aparentemente sem quaisquer preocupações de defesa. Os melhor conhecidos parecem dispor-se em vários núcleos, separados por algumas dezenas ou centenas de metros, podendo alguns deles ser de carácter sazonal.

Por fim, os pequenos povoados aparentemente fortificados, em pequenos outeiros, que pouco se distinguem das ondulações circundantes. São reconhecíveis, nos melhor conservados, taludes artificiais a rodear a área ocupada. Situam-se em zonas de boa capacidade agrícola ou na sua vizinhança imediata.

2.1 – Povoados de altura

2.1.1 – Outeiro do Circo

O povoado fortificado do Outeiro do Circo localiza-se nas freguesias de Mombeja e Beringel, concelho de Beja, com as coordenadas geográficas 38° 02' 20" N; 8° 00' 30" W Gr. (Fig. 2 – 1). Ocupa uma plataforma alongada num outeiro não muito elevado, mas que se destaca na peneplanície dos Barros de Beja, de elevada capacidade agrícola (Fig. 3).



Fig. 3 – O povoado do Outeiro do Circo (fotografia do Google Earth retirada do blog www.outeirodocirco.pt).

As primeiras publicações arqueológicas que se lhe referem (PARREIRA, 1971-1975; PARREIRA & SOARES, 1980) basearam-se nos artefactos recolhidos em prospecção superficial, onde se destacava a cerâmica de ornatos brunidos, considerada como “fóssil director” do Bronze Final e ainda muito pouco conhecida, na altura, nesta região do Alentejo.

Desde os primeiros reconhecimentos e identificação do sítio que foi registada a existência de um talude (e respectiva muralha) a rodear a plataforma ocupada pelo povoado. Escavações arqueológicas levadas a cabo nos últimos anos permitiram “revelar a existência de um complexo sistema defensivo composto por três elementos principais: um muro superior, uma rampa de barro cozido e um muro de contenção [dessa rampa]” (SERRA & PORFÍRIO, 2012, p. 140). Este sistema defensivo terá uma cronologia mais recente que um outro que terá existido no local, uma vez que o muro de contenção foi construído sobre um fosso que já estaria ou que foi desactivado aquando da construção do último sistema de defesa.

Entre a cerâmica decorada que, segundo SERRA & PORFÍRIO (2012), é residual no conjunto cerâmico recuperado nas escavações arqueológicas, surge a de ornatos brunidos (no exterior e no interior dos vasos) e a incisa, com motivos pontilhados e geométricos, as quais têm paralelos no Castro dos Ratinhos e no Passo Alto, segundo estes autores.

2.1.2 – Cerro da Manganha

O Cerro da Manganha (Fig. 2 – 2) situa-se junto à vila de Aljustrel e próximo da mina de S. João do Deserto. Ocupa o topo aplanado de uma colina (Figs. 4 e 5) com uma visibilidade de vários quilómetros em redor (até à

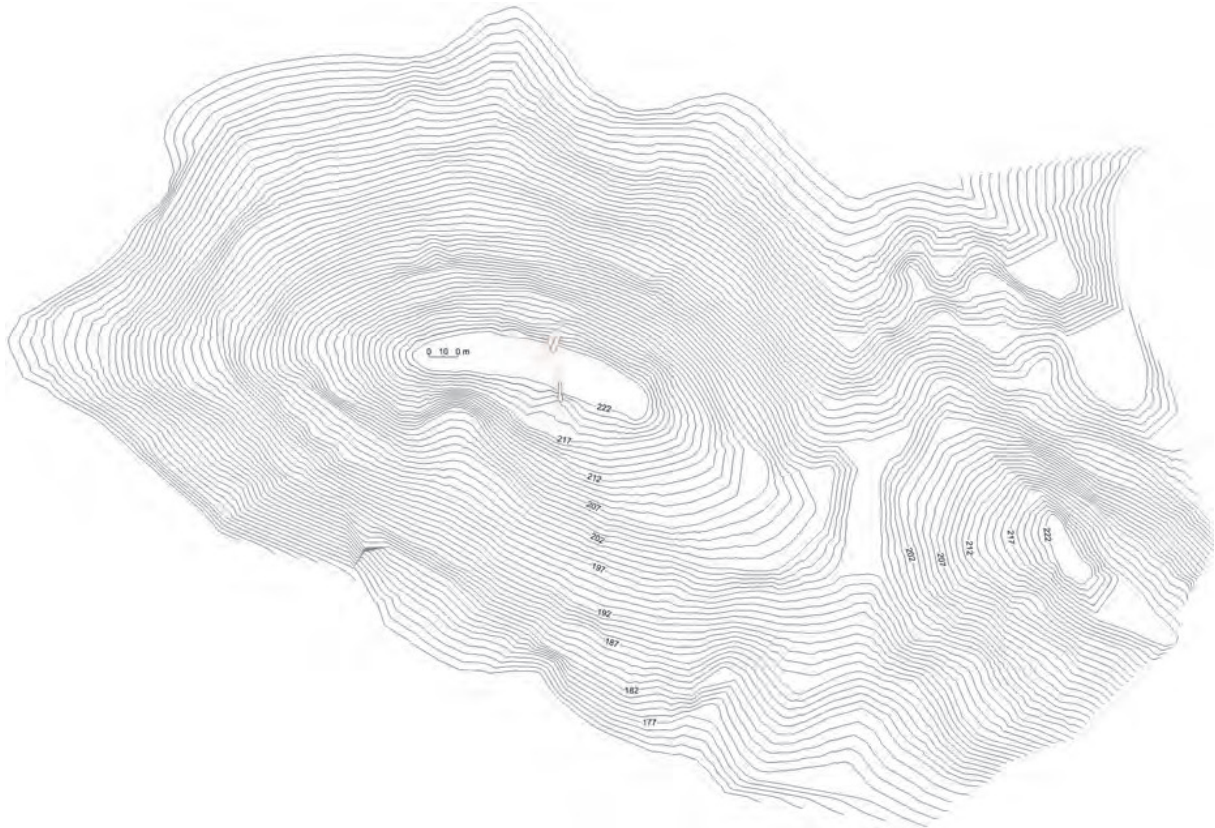


Fig. 4 – Planta do Cerro da Manganha. Encontram-se assinaladas as sondagens arqueológicas ali efectuadas.



Fig. 5 - A plataforma superior do Cerro da Mangancha. A metade sul encontra-se plantada de eucaliptos.

Serra de Portel, a norte, por exemplo), com excepção do quadrante sul. Foi objecto de duas sondagens arqueológicas em 1967 e 1969, sob a responsabilidade de Claude Domergue e Ruy Freire d'Andrade, as quais tiveram lugar no seguimento de outras (que permanecem inéditas) efectuadas por Freire d'Andrade em data desconhecida (DOMERGUE & ANDRADE, 1971). As sondagens de 67 e 69 permitiram verificar a existência de duas ocupações: a primeira, segundo aqueles autores, atribuível ao Bronze Final /I Idade do Ferro e a segunda à Época Romano Republicana, prolongando-se pelo início do Império, existindo, por conseguinte, um hiato na ocupação antiga do sítio. As intervenções de campo que efectuamos, em 2010 e 2011, conjugadas com o estudo dos materiais proto-históricos existentes e resultantes das escavações de 67/69 (SOARES, 2012), tiveram como objectivo precisar as observações daqueles dois arqueólogos, adquirir um maior conhecimento sobre as ocupações em causa, designadamente sobre a sua cronologia e a sua eventual relação com as jazidas mineiras existentes na área, e iniciar a investigação do sistema de defesa. Estes trabalhos permitiram confirmar, em geral, os resultados publicados por Claude Domergue e Ruy Freire de Andrade. A datação pelo radiocarbono, conjugada com a análise tipológica dos artefactos, permitiu precisar a cronologia da primeira ocupação. A ocupação do Bronze Final, datada pelo radiocarbono (Beta-305422 2730±30 BP, 930-810 cal BC (2σ)) e da qual se registou uma grande quantidade de cerâmica de ornatos brunidos (Fig. 6), além de vestígios de uma cabana de planta circular, deverá ter-se prolongado por uma época relativamente tardia, uma vez que surgiram, descontextualizadas, algumas (poucas) importações orientalizantes (SOARES, 2012; SOARES *et al.*, in press). Por outro lado, pode-se concluir, através dos vestígios arqueometalúrgicos que, se a ocupação de Época Romana estará, com certeza, relacionada com a riqueza mineira local, já a ocupação proto-histórica não ofereceu, até agora, qualquer indício duma relação desse tipo.

Por fim, apesar das destruições profundas provocadas, nos finais do século XIX, pela exploração do manganês que impregna o jaspero constituinte do substrato rochoso do Cerro da Mangancha, foi possível concluir que os terraços e taludes artificiais, que se observam na encosta norte do sítio, não estão relacionados com qualquer sistema de defesa das ocupações antigas, mas sim com a exploração mineira recente. Devido a essas destruições

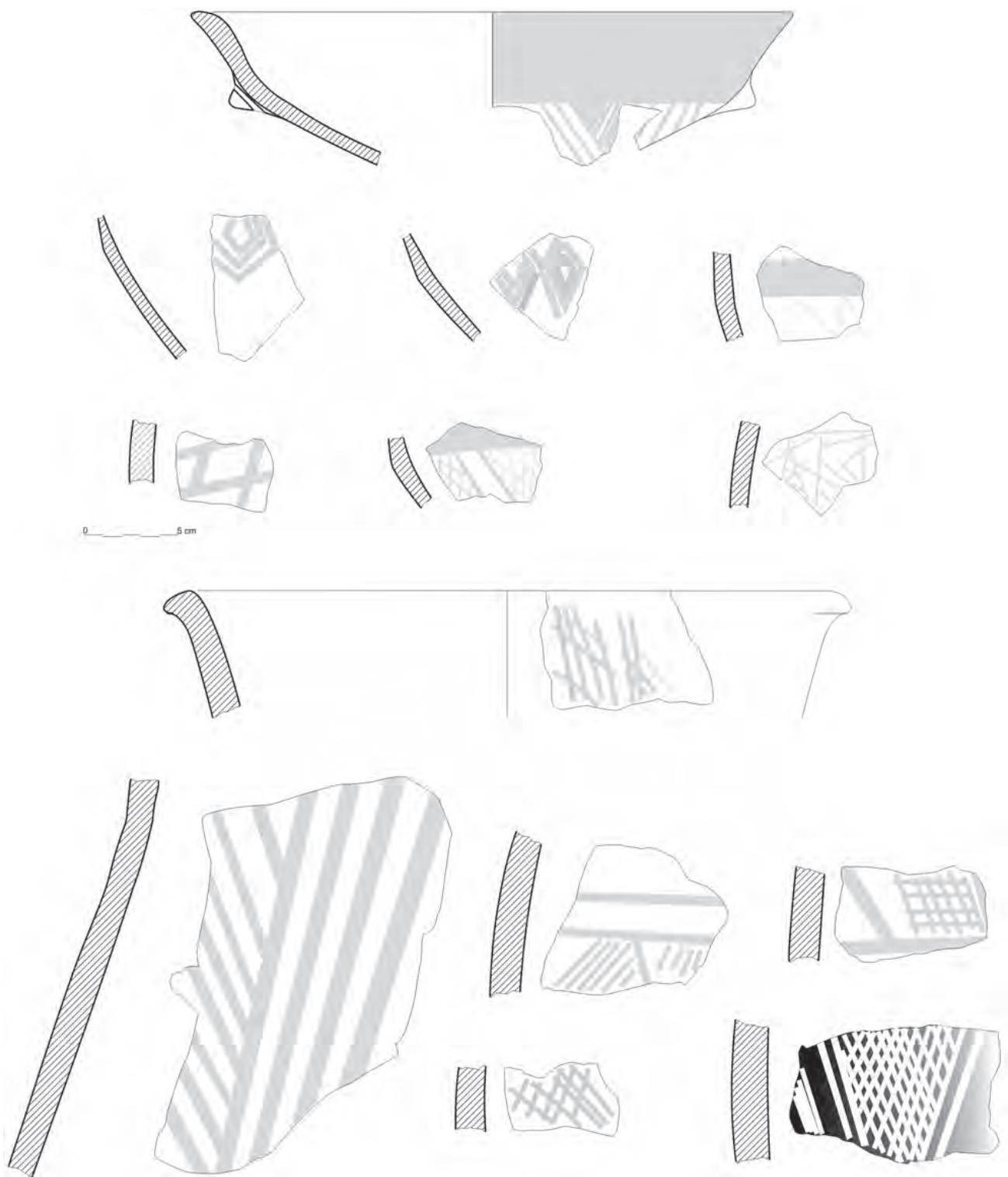


Fig. 6 – Cerâmica de ornatos brunidos do Cerro da Mangancha. A decoração do último fragmento representado (em baixo, à direita) apresenta uma decoração geométrica similar à de ornatos brunidos, mas foi obtida a partir de uma pintura de cor branca sobre uma superfície de cor sépia escura. O paralelo mais próximo poderá ser alguma da cerâmica de pintura branca de Medellín. Provém da camada de base da sondagem de 1967, atribuível ao Bronze Final.

não foi ainda possível determinar se a ocupação proto-histórica teria algum sistema de defesa artificial (SOARES *et al.*, in press).

2.1.3 – Serra Alta

O povoado da Serra Alta (Sobral da Adiça, Moura) é um dos grandes povoados de altura do Bronze Final na margem esquerda do Guadiana (Fig. 2 – 3). Correspondem-lhe as coordenadas geográficas 38° 03' 46'' N; 7° 20' 06'' W Gr. Foi objecto de uma primeira publicação por PARREIRA e SOARES (1980).

Conjuntamente com o vizinho povoado do Álamo (referido a seguir, em 2.1.4) domina um dos corredores de passagem entre a bacia do Chança e a do Ardila (Fig. 7). As vertentes escarpadas ocidental e norte da Serra Alta –

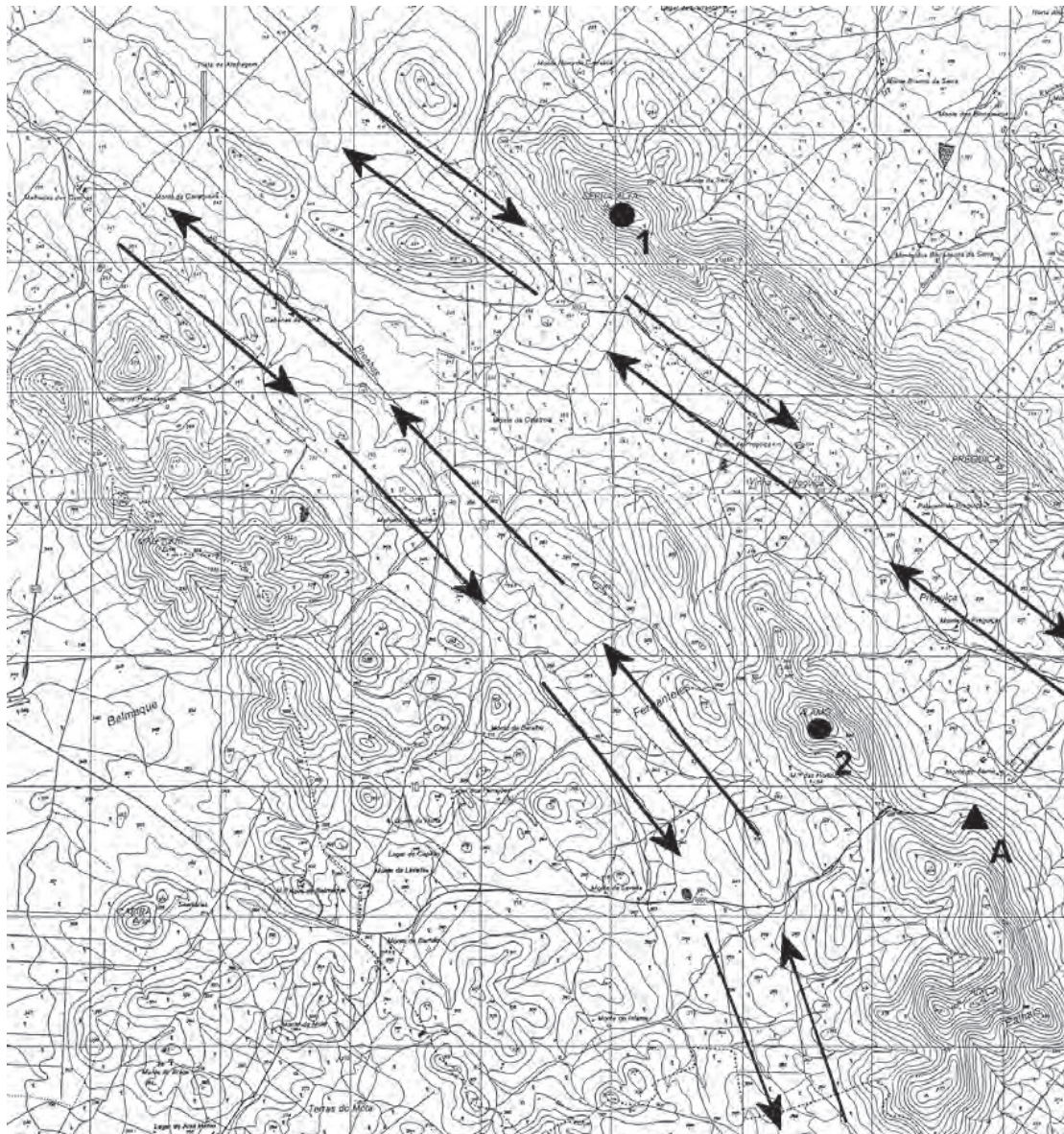


Fig. 7 – Corredores de passagem entre as Serras da Preguiça, Adiça (Álamo) e Belmeque. 1 – Serra Alta, 2 – Álamo, A – local onde se achou o tesouro do Álamo.

troço terminal noroeste da Serra da Preguiça – proporcionam-lhe protecção, enquanto que na vertente oriental, menos íngreme, alguns desníveis entre plataformas poderão esconder ou ser indícios de um sistema artificial de defesa.

Alguns artefactos recolhidos em prospecção superficial apontam para uma primeira ocupação do Neolítico Médio/Final e uma segunda, a mais extensa e que tem fornecido mais espólio (cerâmica de ornatos brunidos, taças e tigelas carenadas, pegas mamilares alongadas, elementos de foice em quartzito) atribuível ao Bronze Final (PARREIRA & SOARES, 1980; SOARES, 2005). Alguns fragmentos de tégulas e de cerâmica comum apontam para uma última ocupação, de âmbito espacial muito restrito, da Época Romana ou Tardo-Romana.

2.1.4 – Álamo

O povoado do Álamo (Sobral da Adiça, Moura), com as coordenadas geográficas 38° 01' 38'' N, 3° 19' 04'' W Gr. (Fig. 2 – 4), situa-se no cume da Serra do mesmo nome, que mais não é que o prolongamento, para norte, da Serra da Adiça. Domina, conjuntamente com o povoado da Serra Alta, um corredor de passagem entre a bacia do Chança e os campos férteis do Baixo Ardila, como já foi referido. Mas, além desse corredor, pode considerar-se que também domina um outro corredor paralelo existente entre a Serra do Álamo e a Serra de Belmeque (ver Fig. 7). Em área, é de menor dimensão que o povoado da Serra Alta, não sendo evidente qualquer sistema de defesa artificial. O local da descoberta do tesouro do Álamo (sobre este tesouro veja-se ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993, Cat. 18-20, 67) situa-se a poucas centenas de metros da zona de *habitat* (Fig. 7).

Da cerâmica recolhida destacam-se os vasos carenados, as grandes pegas mamilares, os fundos planos, bem como a cerâmica decorada com ornatos brunidos no exterior, no interior ou no interior e no exterior (SOARES, 2005). Foi, também, recolhido um fragmento de cerâmica com decoração “penteada”, tipo de decoração até agora único nestes povoados do Bronze Final do Sudoeste, na margem esquerda do Guadiana. Contas de colar em quartzo (GONÇALVES *et al.*, 2011) fazem também parte do espólio recuperado, em prospecção superficial, no Álamo (SOARES, 2005).

O célebre tesouro do Álamo, com certeza relacionado com o povoado, parece apontar para um carácter especial deste sítio, porventura, ligado à riqueza da elite dominante naquela área e/ou às redes de intercâmbio com o sul da Península (Huelva e/ou Guadalquivir).

2.1.5 – Castelo de Serpa

Escavações realizadas pelo autor (SOARES, 1988) e, posteriormente, por Ana Sofia Antunes no Castelo de Serpa (Fig. 2 – 5) registaram o aparecimento, em contextos secundários, de cerâmica integrável no Bronze do Sudoeste. Um fragmento de cerâmica de ornatos brunidos permite admitir como muito provável uma ocupação do Bronze Final na plataforma elevada onde se situa o Castelo de Serpa (ANTUNES *et al.*, 2012 b). A dimensão espacial dessa ocupação é, atualmente, desconhecida, mas não será descabido considerar como provável que seja semelhante à da ocupação da II Idade do Ferro, isto é, delimitada *grosso modo* pelo circuito interno das muralhas medievais.

2.2 – Povoados fortificados das margens do Guadiana e afluentes

2.2.1 – Ratinhos

O Castro dos Ratinhos (Moura) e designadamente a sua cerâmica de ornatos brunidos foram, pela primeira vez, dados a conhecer por Frago de Lima (1960). O povoado situa-se sobre uma colina imponente, o Outeiro



Fig. 8 – O Castro dos Ratinhos, em segundo plano; à direita, o regolfo da Barragem do Alqueva.

dos Castelos, junto ao Rio Guadiana, na sua margem esquerda (Fig. 8), no limite norte da área que é objecto de estudo neste trabalho (Fig. 2 – 6). Pertence ao concelho de Moura e tem as seguintes coordenadas geográficas: 38° 11' 42" N; 7° 29' 15" W Gr.

O Castro dos Ratinhos ocupa o topo da colina, distribuindo-se por três plataformas a cotas ligeiramente diferentes, delimitadas por taludes que indiciam importantes estruturas defensivas. As intervenções de campo levadas a cabo entre 2004 e 2007 (BERROCAL-RANGEL & SILVA, 2010), permitiram identificar várias linhas de muralha, nomeadamente a designada terceira linha, que circunda a plataforma mais elevada, a segunda linha que circunda os dois topos mais elevados dessa plataforma e a primeira linha que coroa o de maior cota, a denominada acrópole. As escavações realizadas permitiram verificar que a terceira linha é reforçada no exterior, pelo menos no sector norte, por um fosso de secção em V, com 2 m de profundidade. Estas muralhas terão sido construídas na Fase 2, datada do Bronze Final. A terceira linha apresenta uma construção com paralelo estreito no povoado do Passo Alto (SOARES *et al.*, 2012), que será descrita a seguir, no ponto 2.2.5. – apresenta um paramento exterior formado por lajes de xisto empilhadas, enquanto que o paramento interior é constituído por grandes lajes colocadas de cutelo; o enchimento é constituído por camadas de terra e pedra miúda. Quanto às estruturas de *habitat*, as cabanas desta Fase 2 seriam construídas com materiais perecíveis e teriam planta oval, reconhecível pelo seu alicerce escavado na rocha-virgem.

À Fase 2 sucedem-se as Fases 1b e 1a, datadas pelo radiocarbono dos finais do século IX a finais do VIII a.C. (SOARES & MARTINS, 2010), contemporâneas da colonização fenícia na orla oceânica do sul peninsular. Associadas a estas Fases 1b e 1a surgem algumas (muito raras) importações de cariz orientalizante, continuando a cultura material essencialmente indígena, isto é, com todas as características do Bronze Final do Sudoeste, designadamente no que se refere à tipologia cerâmica e à metalurgia do cobre (VALÉRIO *et al.*, 2010). No entanto,

algumas modificações existem no registo arqueológico dos Ratinhos para esta altura: surgem, pela primeira vez, cabanas/edifícios com compartimentos de planta ortogonal e no acervo artefactual verifica-se *i)* diminuição da percentagem de cerâmica manual da Fase 2 para a 1b e desta para a 1a; *ii)* na cerâmica a torno acontece o contrário, embora esta seja residual na Fase 2 e tenha apenas uma muito pequena expressão nas Fases 1b e 1a; *iii)* as cerâmicas decoradas, designadamente as de ornatos brunidos, que são a maioria, diminuem também da Fase 2 para a 1b e desta para a 1a; *iv)* comportamento contrário têm as cerâmicas “cepilladas”, embora sejam em pequeno número (BERROCAL-RANGEL & SILVA, 2010, p. 277-284).

2.2.2 – Laço

O povoado do Laço situa-se também sobre a margem esquerda do Guadiana, na freguesia de Brinches, concelho de Serpa (Fig. 2 – 7). Correspondem-lhe as coordenadas 38° 03' 20'' N; 7° 38' 48'' W Gr.

Foi dado a conhecer no levantamento arqueológico do concelho de Serpa, possui uma “*linha de muralha, com cerca de 2 metros de largura, constituída por blocos de xisto; circunda todo o povoado, só desaparecendo na escarpa virada ao Guadiana, abrangendo uma área aproximada de 60000 m²*” (LOPES *et al.*, 1997, p. 26).

Em prospeção superficial foram recolhidos diversos artefactos atribuíveis ao Bronze Final, embora não seja mencionado qualquer exemplar cerâmico com decoração de ornatos brunidos (*op. cit.*).

2.2.3 – Misericórdia

O povoado da Misericórdia ou da Azenha da Misericórdia fica situado na freguesia de Santa Maria, Serpa (Fig. 2 – 8), tendo já sido objecto de uma publicação (SOARES, 1996). Correspondem-lhe as seguintes coordenadas: 37° 54' 04'' N; 7° 38' 25'' W Gr.

Ocupa duas colinas xistosas, junto ao Guadiana – uma, de cota mais elevada, perpendicular ao rio e outra contígua, a menor cota, paralela ao mesmo rio. Na primeira é visível um muro (muralha?), ao qual, pelo seu lado exterior, se encostariam diversas fornalhas metalúrgicas. Na outra, junto ao topo da margem escarpada do Guadiana, são visíveis os restos de uma possível fornalha ou de uma torre vitrificada (só uma escavação arqueológica permitirá uma identificação precisa – Fig. 9), a qual foi datada por arqueomagnetismo, obtendo-se a data de 842-652 a.C. (CATANZARITI *et al.*, 2008).

O espólio recolhido em toda a área do povoado é atribuível, na quase totalidade, ao Bronze Final e à II Idade do Ferro. Um fragmento de uma tégula e um fragmento de um *dolium* decorado com impressões paralelas de corda, apontam também para uma ocupação curta e restrita durante a Época Romana ou Tardo-Romana.

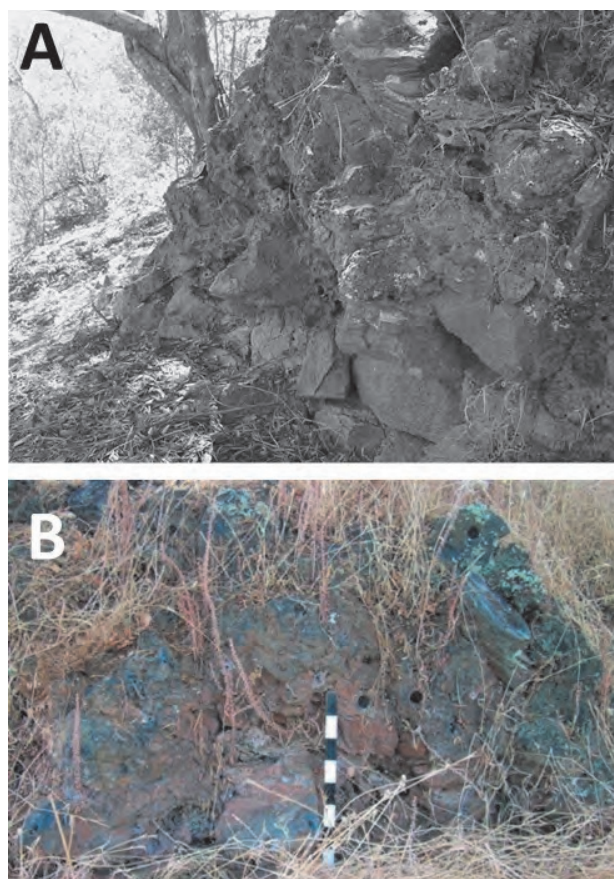


Fig. 9 – Povoado da Misericórdia. A- torre ou fornalha vitrificada; B- pormenor de uma zona altamente vitrificada, observando-se os locais de amostragem para datação por arqueomagnetismo.



Fig. 10 – Dois aspectos de um troço de muralha, perpendicular ao rio Guadiana, do povoado da Crespa.

muralha sul foram encontrados artefactos (cerâmica, mós, percutores e um elemento de foice em quartzito).

Da cerâmica observada ou recolhida na Crespa pode concluir-se que toda ela, feita à mão, pode ser atribuível ao Bronze Final. Destacam-se os fragmentos com decoração brunida no exterior dos vasos, entre eles o magnífico exemplar da Fig. 11. Verifica-se que, neste vaso, tendo sido aplicado um engobe sépia às superfícies, o mesmo foi objecto de brunimento total no interior da boca e no exterior do lábio e de traços brunidos, agrupados em faixas verticais e oblíquas, ou não agrupados, preenchendo obliquamente ou em retícula ou em espiga alguns dos espaços definidos por essas faixas. Deste povoado provém também um fragmento de cerâmica com pintura (vermelho tinto) no interior e no exterior, notando-se que, na superfície interior, a decoração engloba uma retícula delimitada superiormente por uma faixa larga com a qual uma outra faixa ou traço parece fazer um ângulo agudo (ver SOARES, 2005, Fig. 13 – 2).

Entre a cerâmica encontrada, atribuível ao Bronze Final, na sua totalidade feita à mão, notam-se as pegas mamilares de grandes dimensões, os vasos carenados e os fundos planos ou com *omphalos*. Destacam-se, ainda, os fragmentos com decoração brunida (ver SOARES, 1996, Figs. 3 e 4).

2.2.4 – Crespa

O povoado da Crespa, que nunca foi sujeito a qualquer sondagem ou escavação arqueológica, situa-se na freguesia de Santa Maria (Serpa) com as seguintes coordenadas geográficas 37° 51' 39'' N; 7° 38' 39'' W Gr. (Fig. 2 – 9).

Trata-se de um dos grandes povoados muralhados existentes junto ao Guadiana, na sua margem esquerda. A linha de muralha, ainda com alguns metros de altura (Fig. 10), reconhecível em todo o seu perímetro, excepto no troço correspondente à margem escarpada do rio, é construída com blocos de xisto e protege uma área de cerca de 4 ha. Como é habitual em muitos destes povoados, nem toda a área seria de *habitat* propriamente dito, uma vez que apenas junto à



Fig. 11 – Bordo de cerâmica de ornatos brunidos do povoado da Crespa.

2.2.5 – Passo Alto

O povoado do Passo Alto, com as coordenadas 37° 53' 33" N; 7° 16' 58" W Gr., situa-se na freguesia de Vila Verde de Ficalho, Serpa, na margem direita do rio Chança, afluente do Guadiana (Fig. 2 – 10).

Situado na confluência da ribeira de Vidigão com o rio Chança, é constituído por dois núcleos, separados por cerca de 250 metros onde os vestígios arqueológicos parecem ser inexistentes (Fig. 12). As boas condições naturais de defesa são complementadas por uma muralha na zona de mais fácil acesso ao povoado. Esta é, na sua base, feita de terra calcada com pequenas pedras de xisto, delimitada na sua face externa por um murete de pedras sobrepostas e na face interna por lajes de xisto colocadas de cutelo. Um paralelo estreito para este sistema de construção encontra-se na terceira linha de muralha dos Ratinhos, como se descreveu atrás. Um campo de cavalos de frisa (Figs. 13 e 14-A), no exterior da muralha, constitui uma linha de defesa adicional, junto do provável local da entrada do povoado, tornando este sistema defensivo, com esta cronologia, único no Sudoeste (ver datas de radiocarbono em Mataloto *et al.* (2013), as quais colocam a erecção do campo de cavalos de frisa no séc. X ou IX a.C.). Entre a muralha e os cavalos-de-frisa existe um fosso (Fig. 14-B) que parece prolongar-se ao longo de toda a muralha (SOARES, 2003, 2007; SOARES *et al.*, 2012).

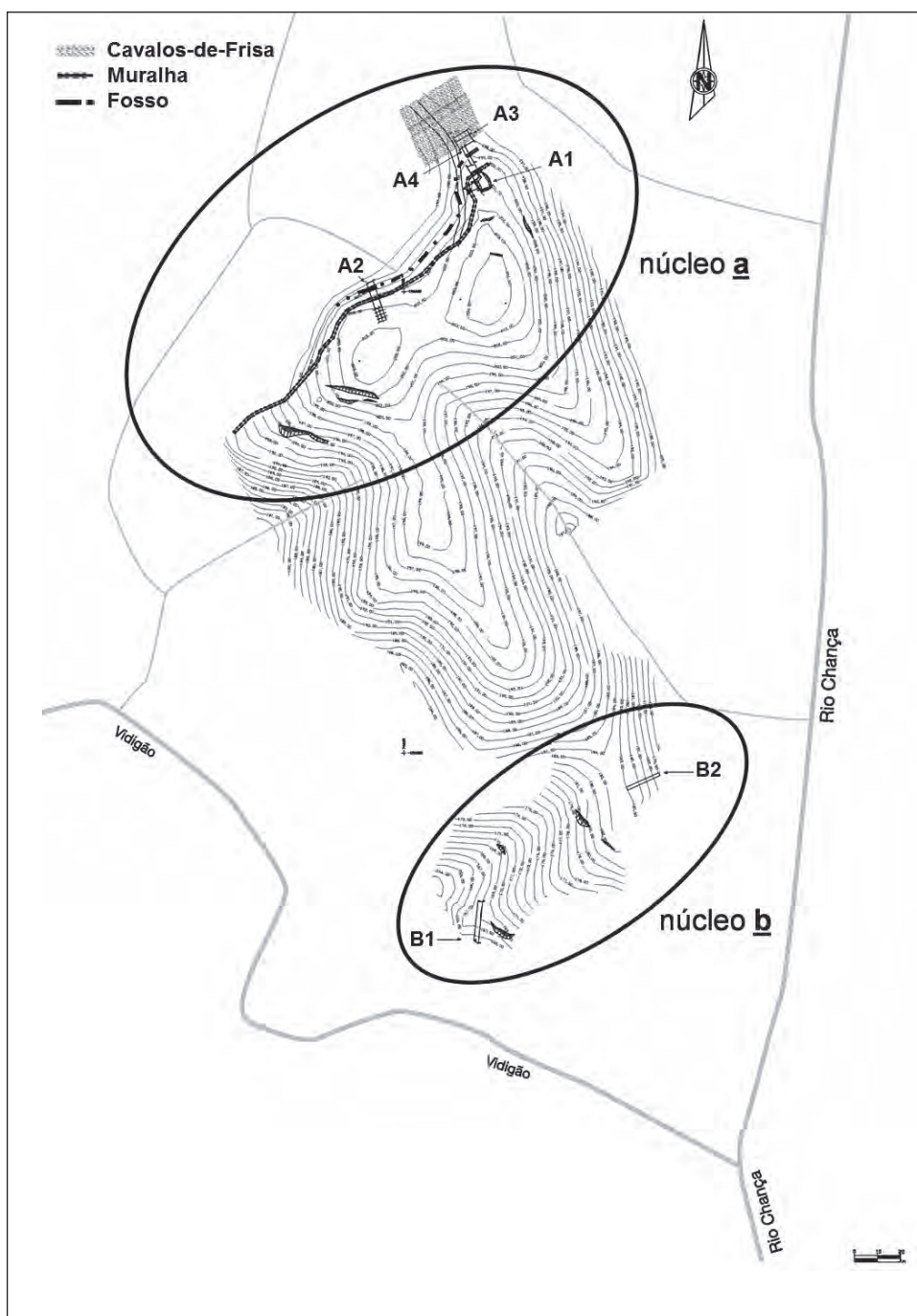


Fig. 12 – Passo Alto – planta geral.

Um campo de cavalos de frisa (Figs. 13 e 14-A), no exterior da muralha, constitui uma linha de defesa adicional, junto do provável local da entrada do povoado, tornando este sistema defensivo, com esta cronologia, único no Sudoeste (ver datas de radiocarbono em Mataloto *et al.* (2013), as quais colocam a erecção do campo de cavalos de frisa no séc. X ou IX a.C.). Entre a muralha e os cavalos-de-frisa existe um fosso (Fig. 14-B) que parece prolongar-se ao longo de toda a muralha (SOARES, 2003, 2007; SOARES *et al.*, 2012).



Fig. 13 - O campo dos cavalos de frisa do Passo Alto.



Fig. 14 - Passo Alto. A - cavalos de frisa alinhados e inseridos em valas; B - um aspecto do fosso.

Também com um carácter invulgar existe, na área da provável entrada do povoado, uma zona coberta de pedras vitrificadas, que foi primeiro interpretada como restos de operações metalúrgicas (SOARES, 1988, 2003), mas que, após as escavações arqueológicas, se revelou como os restos de uma vitrificação total ou parcial de um pequeno troço da muralha (DÍAZ-MARTÍNEZ *et al.*, 2005; SOARES, 2007) que o destruiu. A muralha seria, então, construída com blocos de xisto, terra e madeira (paliçada ?) que, ao arder, deu origem às referidas pedras vitrificadas. Contudo, o troço em questão foi reerguido, logo a seguir ao episódio de vitrificação, adossado, pela sua face interior, ao que restava do troço primitivo.

As escavações arqueológicas levadas a cabo, nestes últimos anos, no Passo Alto permitiram verificar e registar cabanas de planta circular (Fig. 15), ainda inéditas, no núcleo afastado da muralha, duas delas sobrepostas por construções atribuíveis ao século VI a.C. (SOARES *et al.*, 2010).

Além de alguma cerâmica de revestimento, foi recolhida, quer em prospecção superficial, quer em escavação arqueológica, diversa cerâmica, cujas formas e tratamento de superfícies levam a situar cronologicamente a primeira ocupação do Passo Alto no Bronze Final, cronologia essa também atestada através da datação pelo radiocarbono de várias amostras. As cerâmicas com decoração brunida apresentam esta decoração na face externa ou, mais raramente, em ambas as superfícies. Destaca-se, também, uma conta em vidro azul com paralelos muito similares na necrópole da Atalaia (SCHUBART, 1975).



Fig. 15 - Passo Alto. Cabana circular em B2.



Fig. 16 - Os sítios de Casa Branca 1 (3 núcleos identificados) e Salsa 3 (2 núcleos), ambos datados do Bronze Final, e Casa Branca 2, datado do Calcolítico.

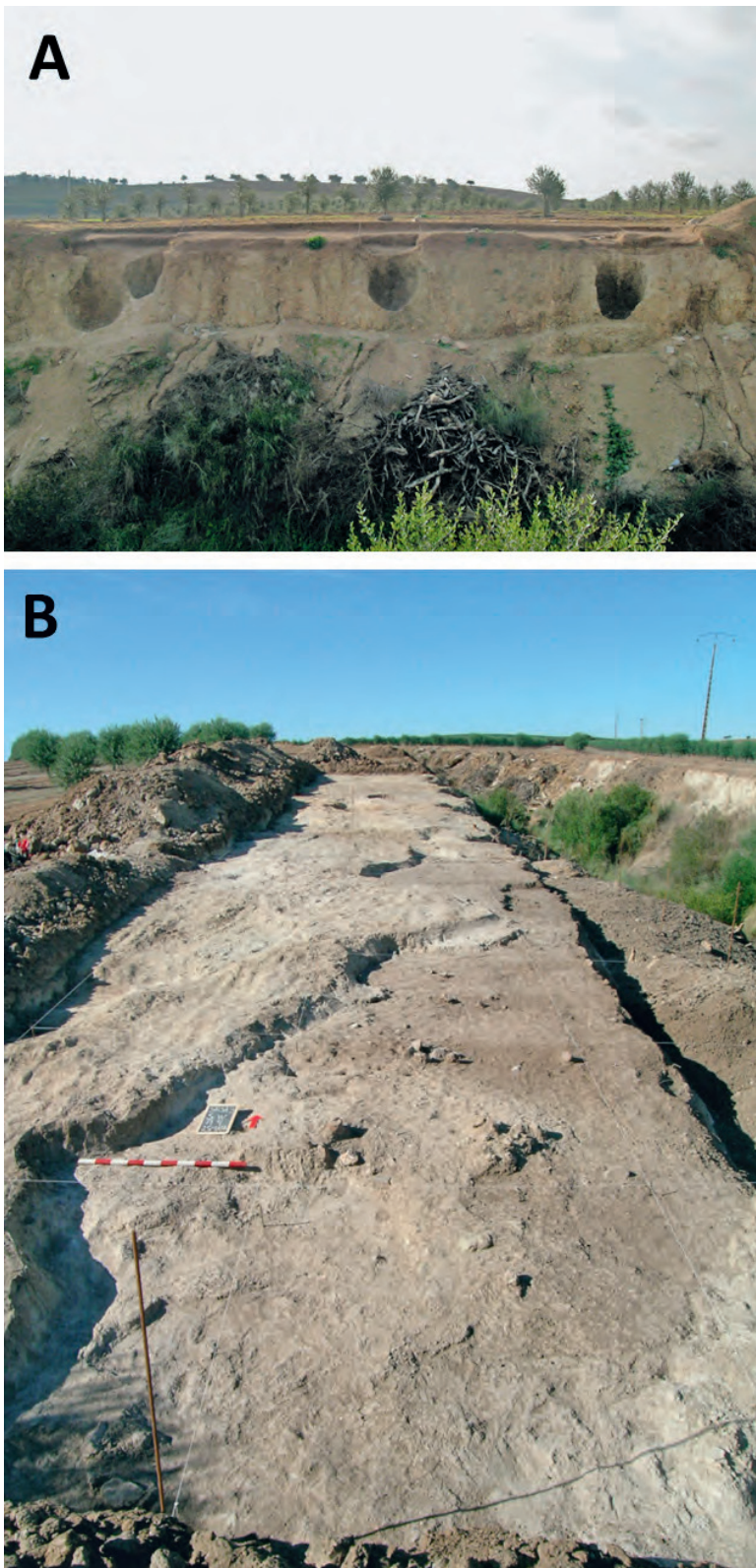


Fig. 17 – Salsa 3. A – fossas tipo “silo” na tricheira do caminho de ferro; B – os fundos de cabana no início da escavação.

2.3 – Povoados abertos de planície

2.3.1 – Casa Branca 1

O sítio arqueológico de Casa Branca 1, situa-se junto a uma linha de água, a ribeira do Enxoé (margem direita), numa zona aplanada de muito fácil acesso, não aparentando qualquer tipo de defesa. Pertence à freguesia de Santa Maria (Serpa), com as coordenadas geográficas: 37° 59' 51" N; 7° 36' 33" W Gr. (Fig. 2 – 11) (note-se que no levantamento arqueológico do Concelho de Serpa – LOPES *et al.*, 1997, p. 36 – este sítio arqueológico encontra-se erradamente cartografado).

Identificaram-se três núcleos (Fig. 16), não muito distantes entre si, atribuíveis cronologicamente ao Bronze Final. No entanto, num deles (núcleo 1), foi recolhida à superfície diversa cerâmica, a maior parte dela algo rolada, mas que permite identificar facilmente duas ocupações distintas – uma atribuível ao Calcolítico (pratos de bordo “almendrado” e crescentes, por exemplo); outra do Bronze Final (grandes pegas mamilares, tijelas carenadas, superfícies brunidas e com decoração brunida).

2.3.2 – Salsa 3

A Salsa 3 implanta-se numa vertente suave, em terrenos de gabrodioritos, junto da ribeira de Granfanes, um pequeno curso de água subsidiário da Ribeira do Enxoé. Pertence à freguesia do Salvador, Serpa (Fig. 2 – 12). Os vestígios de superfície apontam para a existência de dois núcleos de ocupação (Fig. 16), nos quais não se constata diferenças significativas em termos de cultura material, registando-se em ambos, por

exemplo, cerâmica com ornatos brunidos e elementos de foice produzidos a partir de lascas de calhaus rolados de quartzito.

A intervenção arqueológica levada a cabo na Salsa 3, no seu núcleo 2 (DEUS *et al.*, 2010), permitiu identificar e escavar o que restava de várias estruturas negativas, das quais oito correspondem a estruturas (fossas) de tipo “silo”² e duas a “fundos de cabana”, todas elas escavadas no substrato geológico de gabrodioritos profundamente alterados (Fig. 17).

À semelhança do que sucede em outros sítios e no que se refere ao preenchimento das fossas, este parece indicar a perda da função original das fossas e a sua reutilização como lixeiras. Na maior parte delas, os seus preenchimentos revelaram um único depósito, embora sejam diversificados artefactualmente, tendo sido recolhidos, entre outros, fragmentos de grandes recipientes, cerâmicas mamiladas e carenadas, restos de fauna, um elemento de foice de quartzito e um fragmento de molde de fundição de machados planos em bronze (Fig. 18).

Por outro lado, é de destacar na Salsa 3 a existência de dois “fundos de cabana”, localizados a sul, mas na vizinhança imediata, da área de maior concentração de fossas, e que se traduzem por duas grandes depressões, de planta alongada e irregular, escavadas na rocha-virgem. Na base de um dos fundos de cabana foi recolhida uma amostra de carvão, datada pelo radiocarbono, obtendo-se uma data enquadrável no Bronze Final, entre os séculos XII e XI a.C. (Beta-236601 2910±40 BP). No outro “fundo de cabana” foi recolhido um fragmento de cerâmica de ornatos brunidos.

Entre os dois “fundos de cabana”, foi identificada uma ligeira depressão. Dos artefactos recolhidos no seu preenchimento destaca-se a cerâmica pintada a vermelho com motivos geométricos, com paralelos na bacia do Guadalquivir (RUIZ MATA, 1995), para além de um diversificado conjunto cerâmico que inclui recipientes manuais com digitações e ungulações e taças carenadas e hemisféricas, integráveis no Bronze Final do Sudoeste (DEUS *et al.*, 2010).

Para além desta ocupação do Bronze Final registaram-se, também, vestígios de uma ocupação, eventualmente esporádica, da Idade do Ferro.

2.3.3 – Entre Águas 5

O sítio de Entre Águas 5 localiza-se na freguesia de Brinches, concelho de Serpa (Fig. 2 – 13). Situa-se em leito de cheia, na margem esquerda da Ribeira do Enxoé, num vale aberto de orientação E-O. Foi descoberto



Fig. 18 – Salsa 3. Molde de machado plano proveniente do enchimento de uma das fossas tipo “silo”.

² Optou-se por esta designação para uma maior facilidade de distinção de outras tipologias de fossas. Com esta designação não se pretende sugerir que a sua função original ou em qualquer altura da sua utilização tivesse sido a de um silo, mas sim que a sua tipologia é semelhante à daqueles que o registo arqueológico permite atribuir, com alguma segurança, essa funcionalidade (veja-se, por ex., em Antunes *et al.* (2012 a), a Fossa 9 da Pedreira de Trigaches 2, forrada com cortiça e com milhares de sementes de cevada no fundo).

Fig. 19 - Entre Águas 5 - planta geral da intervenção de campo.

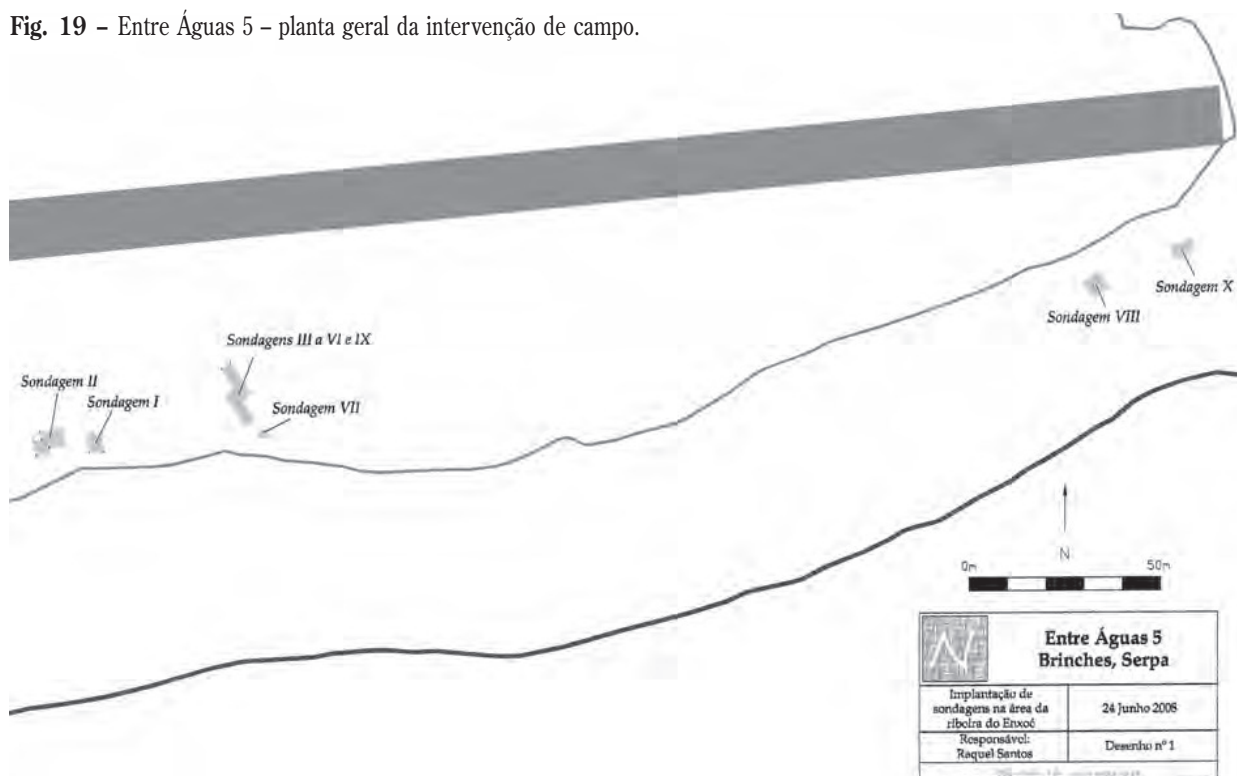


Fig. 20 - A cabana da Sondagem X de Entre Águas 5, onde foram encontrados numerosos vestígios de produção metalúrgica.

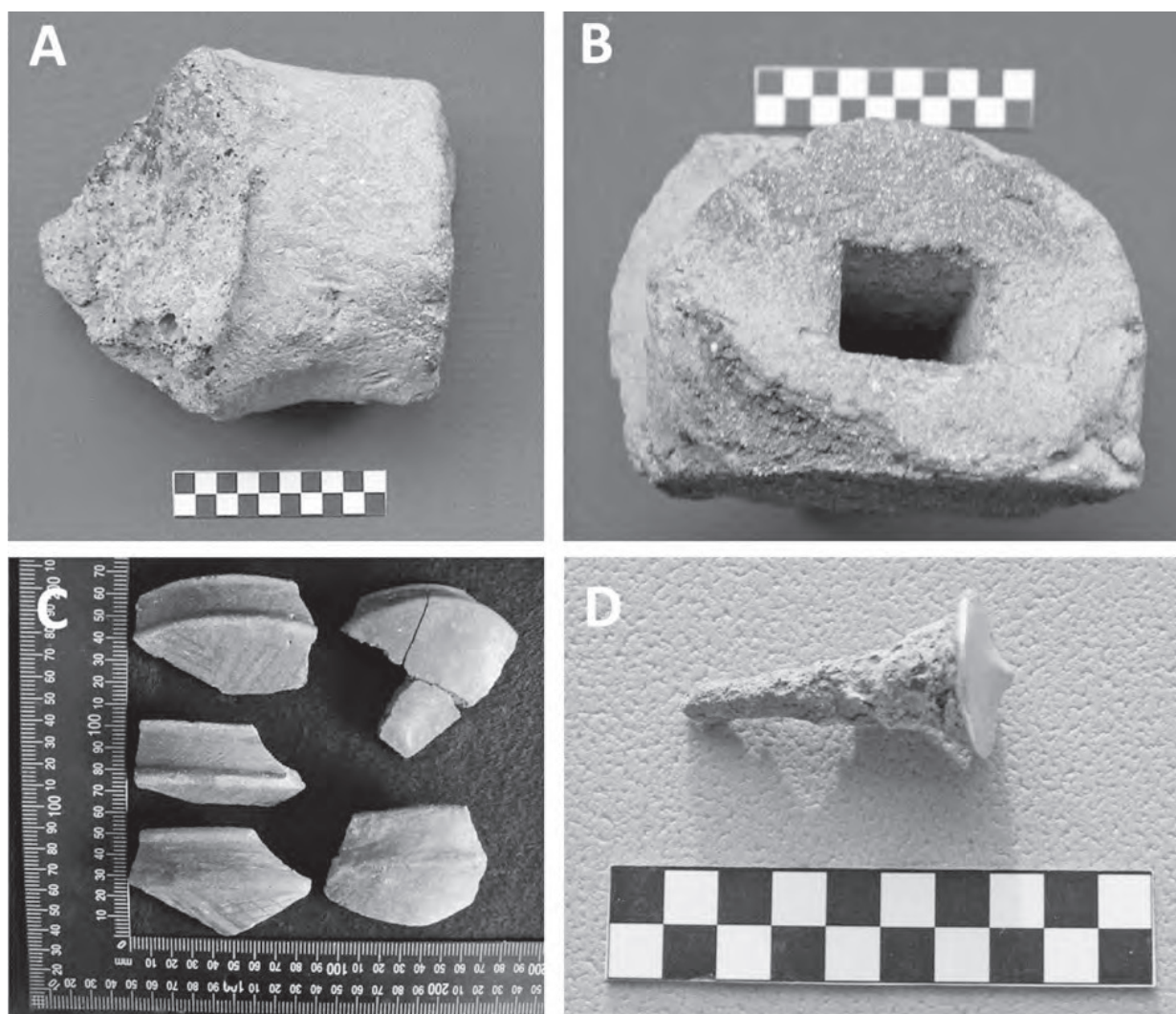


Fig. 21 – Entre Águas 5. A, B – cadinho utilizado na co-redução de minérios de cobre e de estanho, para a produção de bronze; C – cerâmica carenada com ornatos brunidos na superfície exterior; D – prego de bronze com a cabeça revestida a folha de ouro.

aquando da construção da barragem de Serpa, integrada no Empreendimento do Alqueva. O facto de se encontrar em leito de cheia indicia um carácter sazonal para este povoado.

Foram intervencionados três sectores (muito provavelmente sectores de três núcleos do sítio de Entre Águas 5 – ver Fig. 19) que revelaram dois tipos diferentes de ocupação: cabanas em forma de “8” (Fig. 20) que surgiram nos Sectores 1 e 3 e talvez, também, na Sondagem IX do Sector 2, e um alinhamento de fossas no Sector 2.

Várias datas de radiocarbono, não diferenciáveis estatisticamente, foram obtidas para este sítio arqueológico, as quais apontam para uma ocupação ou ocupações que terão ocorrido entre os séculos X-VIII a.C. (ver MATALOTO *et al.*, 2013 e VALÉRIO *et al.*, 2013).

No Sector 3, na Sondagem X, foi intervencionado um fundo de cabana, no qual foram registados diversos vestígios metalúrgicos relacionados com a produção de ligas de bronze (Fig. 21-A,B), sendo atestada a co-redução de minérios de cobre e estanho (VALÉRIO *et al.*, 2013). Os vestígios consistiam em vários cadinhos, escórias, um algarviz e fragmentos de um molde de cerâmica ligado à técnica de cera perdida, além de vários artefactos metálicos.



Fig. 22 - Localização dos três núcleos de Santa Margarida. O barranco de Santa Ana corre na base da colina, entre a estrada e os olivais.

coordenadas geográficas 37° 57' 57'' N; 7° 37' 54'' W Gr. (Fig. 2 - 14). Era já conhecido na bibliografia arqueológica, mas somente como uma *villa* da Época Romana (DIAS & SOARES, 1988-1989). No Inverno de 1995, Mariana Diniz, em prospecções que realizava na vizinhança do povoado neolítico da Foz do Enxoé, recolheu, próximo da Ermida de Santa Margarida (também conhecida por Paiol da Pólvora por, em tempos, ter tido essa função), numa área aplanada de fácil acesso, entre os barrancos da Carelinha e de Santa Ana, diverso material cerâmico para o qual me chamou a atenção. A parcela onde essa cerâmica tinha sido recolhida havia sido recentemente lavrada, pela primeira vez, por meios mecânicos. Este facto originou o aparecimento, numa zona relativamente restrita (que se designou por núcleo 1), de inúmeros fragmentos de cerâmica, em excelente estado de conservação, atribuíveis ao Bronze Final. Entre os fragmentos recolhidos contabilizaram-se largas dezenas com ornamentação brunida, o que tornava, desde logo e naquela altura, este sítio arqueológico como aquele do Sudoeste português onde a cerâmica de ornatos brunidos aparecia em maior quantidade. Uma prospecção cuidada da sua envolvente permitiu a descoberta de outros dois núcleos – um junto à Ermida (núcleo 2), com dispersão de materiais, por vezes bastante rolados, na vertente nordeste, e um outro, próximo do “monte” de Santa Margarida (núcleo 3), com materiais menos rolados, dispersos nas vertentes nordeste e sudoeste. Os três núcleos situam-se, assim, na zona aplanada de maior cota (ca. 140 m) entre os barrancos da Carelinha e de Santa Ana (Fig. 22) e estão separados entre si por cerca de cem a cento e cinquenta metros praticamente estéreis de vestígios atribuíveis ao Bronze Final.

A escavação arqueológica realizada em 2008 permitiu verificar a grande destruição que o sítio sofreu com as lavras profundas a

Entre a cerâmica recolhida em toda a área intervencionada, destaca-se a grande quantidade de cerâmica de ornatos brunidos (Fig. 21-C), principalmente proveniente do sector 3, surgindo em menor número elementos cerâmicos com decoração incisa, a “*cepillo*” ou de pintura vermelha.

2.3.4 - Santa Margarida

O sítio arqueológico de Santa Margarida situa-se na freguesia de Santa Maria (Serpa), com as

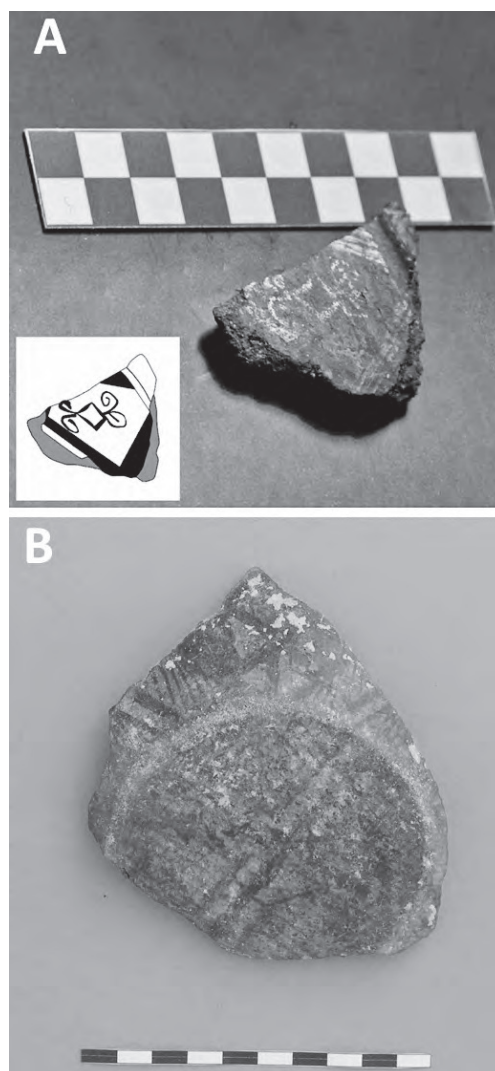


Fig. 23 - Cerâmica de ornatos brunidos de Santa Margarida. A - fragmento de bojo com um motivo ornitomorfo estilizado; B - fundo plano com decoração na superfície externa.

que foi submetido, designadamente alguns meses antes dessa intervenção de campo. Assim, para além da grande quantidade de cerâmica que foi recuperada, designadamente a decorada com ornatos brunidos (Fig. 23), apenas foram registadas algumas estruturas negativas, por vezes muito truncadas e de difícil interpretação, embora a maior parte deva corresponder a fossas tipo “silo” (DEUS *et al.*, 2012)

Ao nível da cultura material é de notar a ausência ou a fraca representação de alguns elementos, nomeadamente: a ausência dos elementos de foice; a escassez de elementos relacionados com a moagem (apenas dois fragmentos – um de dormente e outro de movente); a quase total ausência de fauna; a ausência de indicadores relacionados com a metalurgia; um único objecto metálico (Fig. 24), sem vestígios de uso. Deste modo, ressalta a presença quase exclusiva da cerâmica no conjunto artefactual de Santa Margarida (proveniente de superfície e de escavação) e, dentro deste, a preponderância de ornamentação brunida na cerâmica decorada.



Fig. 24 – Santa Margarida. Único artefacto metálico (um *tranchet*) encontrado neste sítio arqueológico, sem vestígios de uso, mas ainda com vestígios do cone de vazamento.

2.3.5 – Cidade das Rosas 4

O sítio arqueológico da Cidade das Rosas 4 situa-se na freguesia do Salvador, Serpa (Fig. 2 – 15). Fica próximo da *villa* romana da Cidade das Rosas (CAEIRO, 1978), mas na outra encosta sobranceira ao Barranco da Morgadinha, que desagua na Ribeira do Enxoé (Fig. 25). Na intervenção arqueológica levada a cabo, foram escavadas



Fig. 25 – Localização da Cidade das Rosas 4 (B) e da *villa* romana da Cidade das Rosas (A).

4 estruturas negativas que seriam afectadas pela implantação de uma conduta de rega (Empreendimento do Alqueva). Em duas delas foram recuperados alguns fragmentos de cerâmica de ornatos brunidos (7 elementos em 202 fragmentos cerâmicos), o que permite filiar a ocupação registada na Cidade das Rosas 4 no Bronze Final do Sudoeste (BAPTISTA & GOMES, 2012).

2.3.6 – *Folha do Ranjão*

O sítio da Folha do Ranjão fica na freguesia de Baleizão, concelho de Beja (Fig. 2 – 16). Situa-se numa área plana, numa mancha de solos de muito boa qualidade agrícola, classe A, próximo do Guadiana. Nunca foi objecto de qualquer escavação arqueológica, mas prospecções superficiais permitiram identificar diversas ocupações no local. Assim, foi recolhida cerâmica campaniforme incisa (Cienpozuelos), cerâmica de ornatos brunidos atribuível ao Bronze Final do Sudoeste, cerâmica da I e II Idade do Ferro e uma inscrição em caracteres de escrita do Sudoeste (FARIA & SOARES, 1998), cerâmica vidrada islâmica, além de artefactos correspondentes a uma ocupação moderna, com certeza correlacionáveis com as ruínas de um edifício existente no local. Todas estas ocupações, em local aberto e sem quaisquer condições de defesa, colocam a hipótese de esta ocupação em várias épocas se dever à sua proximidade do Guadiana e da existência de uma via que, desde tempos pré ou proto-históricos, atravessaria este rio no vau do Vale de Brisão, muito próximo da Folha do Ranjão (SOARES, 1992; FARIA & SOARES, 1998).

2.3.7 – *Pisões 5*

No âmbito da construção do Adutor de Cinco Réis (Empreendimento do Alqueva) foram intervencionadas, sob a direcção da Patrícia Bargão, diversas estruturas negativas no sítio denominado Pisões 5, próximo da *villa* romana de Pisões (RIBEIRO, 1972), pertencente à freguesia de Santiago Maior, Beja (Fig. 2 – 17). Os vestígios intervencionados correspondem a diversas épocas desde o Neolítico à Idade Moderna. No preenchimento de uma das fossas foi registada diversa cerâmica, designadamente vários fragmentos com ornatos brunidos, atribuível ao Bronze Final do Sudoeste. Este sítio arqueológico encontra-se ainda em estudo³.

2.3.8 – *Arroteia 6*

O sítio da Arroteia 6 situa-se na freguesia de Mombeja, concelho de Beja (Fig. 2 – 18), tendo sido identificado durante o acompanhamento arqueológico de uma vala de implantação de uma conduta de água. Ocupa uma zona aplanada nos “barros negros de Beja”, numa colina pouco pronunciada entre duas linhas de água. Foram registados vestígios de estruturas enquadráveis no Bronze do Sudoeste, entre elas uma fossa tipo “silo”, indiciando os artefactos cerâmicos recuperados no seu enchimento uma cronologia do Bronze Final (PORFÍRIO & SERRA, 2010).

2.4 – Pequenos povoados aparentemente fortificados

2.4.1 – *S. Brás 1*

S. Brás 1 é um dos raros povoados fortificados calcolíticos que, na margem esquerda portuguesa do Guadiana, foi objecto de escavações arqueológicas, embora de âmbito muito reduzido (PARREIRA, 1983). Situa-se na fregue-

³ Agradece-se à colega Patrícia Bargão o amável convite para colaborar no estudo e publicação de Pisões 5.

sia de Santa Maria (Serpa) e tem como coordenadas geográficas as seguintes: 37° 54' 12'' N; 7° 37' 01'' W Gr. (Fig. 2 – 19).

O Cerro dos Castelos de São Brás ou S. Brás 1 é um povoado muralhado com uma ocupação do Calcolítico Pleno/Final. Um conjunto de estratos mais superficiais corresponde a um horizonte de ocupação datado “*pela presença de cerâmica de ornatos brunidos, vasos carenados e mamilos duplos, na parede externa de alguns vasos, [que] assinalam no povoado o final da Idade do Bronze*” (PARREIRA, 1983, p. 153-154).

Ignora-se a extensão desta ocupação do Bronze Final, embora necessariamente pequena em dimensão espacial, dada a dimensão do cabeço ocupado pelos vestígios calcolíticos e do Bronze Final, e se o Cerro de São Brás estaria, nesta segunda ocupação, fortificado. Os taludes que o circundam no lado norte poderão datar da primeira ocupação do Calcolítico ou desta última, ou embora datando do Calcolítico poderiam estar funcionais no Bronze Final. A área muito reduzida do povoado que foi objecto da intervenção arqueológica (sondagem) torna impossível a resposta a estas questões.

2.4.2 – S. Gens

O povoado de S. Gens, que nunca foi objecto de qualquer escavação arqueológica, ocuparia parte da colina do mesmo nome, onde actualmente se ergue a Ermida de Nossa Senhora da Guadalupe, padroeira de Serpa. Situa-se, por conseguinte, na freguesia do Salvador, Serpa, e tem como coordenadas: 37° 55' 45'' N; 7° 35' 34'' W Gr. (Fig. 2 – 20). A construção da Ermida e da Pousada de S. Gens, bem como a extracção de pedras de mármore para um forno de cal que aí teria existido, terão levado à destruição quase total ou total do povoado.

Na vertente este e sudeste foi encontrada diversa cerâmica, a maior parte muito rolada e incaracterística. No entanto, foram recolhidos alguns bordos (de vasos hemisféricos feitos à mão), uma grande pega mamilar e um bordo de um vaso com decoração brunida externa, o que permitiu atribuir uma cronologia do Bronze Final aos escassos restos sobreviventes deste povoado (SOARES, 2005).

2.4.3 – Moitão d'Altura (Alpedrede 3)

O povoado do Moitão d'Altura ou de Alpedrede 3 situa-se, também, na freguesia do Salvador, Serpa, com as coordenadas 37° 54' 30'' N; 7° 33' 25'' W Gr. (Fig. 2 – 21).

O povoado ocupa a área sul de uma colina aplanada junto a um pequeno curso de água, o barranco de Alpedrede, área essa delimitada a oeste, sul e este por um talude.

Além de um elemento de foice em quartzito foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica, entre eles um bordo carenado de uma taça, um mamilo alongado e fragmentos de bojos de vasos, alguns deles com a superfície ou superfícies brunidas. Estes artefactos indiciam uma cronologia dentro do Bronze do Sudoeste, provavelmente do Bronze Final (SOARES, 2005).

2.4.4 – Quinta do Pantufo

O povoado da Quinta do Pantufo localiza-se na freguesia de Santa Maria, Serpa, com as coordenadas 37° 59' 05'' N; 7° 37' 21'' W Gr. (Fig. 2 – 22). Ocupa um pequeno cabeço próximo da ribeira do Enxoé, na sua margem esquerda, sendo delimitado por um talude, o qual é totalmente perceptível no lado mais afastado da ribeira.

Os artefactos recolhidos, desde os líticos (percutores e pesos de rede), passando pela cerâmica, toda ela manual – cerâmica de revestimento, grandes pegas mamilares, fundos de base plana, tigelas carenadas, superfícies brunidas e um exemplar com decoração brunida no exterior – apontam para uma cronologia, da aparentemente única ocupação que o local sofreu, dentro do Bronze Final do Sudoeste (SOARES, 2005).

3 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA DE POVOAMENTO NO BAIXO ALENTEJO INTERIOR

Se o conhecimento que temos actualmente sobre o povoamento do Bronze Final no Sudoeste Peninsular e designadamente no Baixo Alentejo interior é incomparavelmente melhor do que aquele que existia na década de setenta, quando Schubart publica a sua obra monumental sobre o Bronze do Sudoeste (SCHUBART, 1975), estamos ainda longe de poder estabelecer com bases sólidas o sistema de povoamento e uma interpretação cultural que seja segura para o mesmo. Bastará notar que, para esta sub-região do Sudoeste, se continua a ignorar que tipo de necrópoles e rituais funerários se encontravam em uso nesta época e que os povoados abertos de planície se identificaram apenas nestes últimos anos. Desconhecem-se as dimensões precisas destes povoados, até porque têm sido objecto apenas de pequenas intervenções arqueológicas (sondagens), a maior parte delas condicionadas e resumidas a intervenções nas zonas a serem afectadas por obras de implantação de condutas de água. Por outro lado, e apesar do esforço que, desde há vários anos, tenho desenvolvido em prospecções superficiais, estas têm-se resumido praticamente ao concelho de Serpa, o que faz com que a amostragem de que trata esta comunicação se tenha de considerar como enviesada – bastará notar que aqueles habitats que designei como “pequenos povoados aparentemente fortificados” apenas são conhecidos no concelho de Serpa, mais propriamente em volta da cidade de Serpa, quando, com certeza, muitos outros do mesmo tipo existirão em outras zonas da bacia do Guadiana, no Baixo Alentejo interior. Deverá, também, ter-se em atenção que, com excepção das escavações em área efectuadas nos Ratinhos e no Passo Alto, todas as outras intervenções intrusivas que têm tido lugar não têm passado de sondagens que estão longe de permitir ter uma visão precisa sobre as zonas de *habitat*, designadamente sobre as suas dimensões, como e onde se implantam as estruturas habitacionais, como são essas estruturas e se existem diferenças em dimensão, planta ou riqueza de espólio que indiciem diferenciações sociais, qual a sua relação com as fossas tipo “silo” e qual a função dessas fossas, enfim um mundo de questões ainda por responder cabalmente e que as intervenções de campo até hoje realizadas apenas têm permitido, quando muito, aflorar.

De qualquer modo, com os dados que se tem à disposição poder-se-á, no entanto, já elaborar um modelo muito geral para o sistema de povoamento do Bronze Final no Alentejo interior, aberto, com certeza, a aperfeiçoamentos e modificações à medida que o conhecimento que temos sobre os vestígios arqueológicos desta época se for aprofundando. A questão central que terá de ser respondida é a de que modo todos estes povoados e/ou sítios de *habitat* se articulam entre si nas três a quatro centenas de anos a que corresponde o Bronze Final, isto é, entre meados do último quartel do II Milénio a.C e os finais do século VIII a.C. (MATALOTO *et al.*, 2013). E aqui reside logo uma dificuldade – apenas dispomos de datas absolutas para 5 dos 22 sítios referenciados – Passo Alto, Ratinhos, Entre Águas 5, Salsa 3 e Cerro da Mangancha (uma única) – e se podemos dizer, com razoável probabilidade, que o uso de cerâmicas de ornatos brunidos terminará por volta dos finais do Séc. VIII, já o início preciso do seu uso na região em apreço é ainda desconhecido. Além disso, se nos Ratinhos parece haver uma evolução nos padrões decorativos e na frequência do seu uso (diminuição do seu número de épocas mais antigas para as mais recentes, como se referiu atrás), essa evolução é desconhecida para os outros sítios aqui referidos e de impossível aplicação com os dados que temos ao dispôr. Por tudo isto, diacronias e sincronias entre as ocupações dos diversos sítios não irão passar, para a maioria deles, de pura especulação. No entanto, se é admissível que o Passo Alto e os Ratinhos tenham sido ocupados durante todo o Bronze Final (as datas absolutas indiciam isso) e talvez o mesmo se possa dizer para os outros povoados do grupo dos fortificados das margens do Guadiana e afluentes e, eventualmente, para os grandes povoados de altura, já as ocupações da maior parte dos povoados abertos de planície e dos pequenos povoados aparentemente fortificados têm uma cronologia precisa que nos é desconhecida. Constituem excepções o sítio de Salsa 3, que parece ter uma ocupação recuada, do

início do Bronze Final (Beta-236601 2910±40 BP), enquanto Entre Águas 5 terá tido uma ocupação ou ocupações sazonais, restritas no tempo e datadas de um intervalo de tempo que será inserível entre os séculos X e VIII a.C. (sete datas de radiocarbono estatisticamente não diferenciáveis).

No referente a estes povoados abertos, deverá ter-se em atenção que o de Entre Águas 5 é, certamente, um povoado sazonal, dado que o local onde se implanta não oferece condições de habitabilidade durante o tempo de chuva, dado se encontrar no leito de cheia da ribeira do Enxoé e o substracto onde foram escavados os fundos de cabana ser uma argila impermeável. Mas sendo sazonal, foi ocupado uma única vez ou diversas vezes ao longo do tempo? As sondagens efectuadas não parecem ter revelado qual destas hipóteses será a verdadeira. Tal como Entre Águas 5, a Salsa 3 e a Casa Branca 1 distribuem-se por diversos núcleos (tal como o sítio de Santa Margarida, que constitui um caso especial que será analisado mais adiante). Admitindo ou não a sazonalidade para Salsa 3 e Casa Branca 1, coloca-se a questão de saber se, para cada um deles, as ocupações dos núcleos serão sincrónicas ou diacrónicas. Para Entre Águas 5, a datação pelo radiocarbono não resolve o problema e alguma diferenciação que existe entre o acervo artefactual recuperado em cada núcleo pode não ter qualquer significado cronológico e dever-se, apenas, a factores tafonómicos e às eventuais diferentes actividades que se realizaram nos fundos de cabana intervencionados. Quanto aos outros povoados abertos, também será admissível considerá-los como sazonais? Alguns deles, revelados apenas por uma ou duas fossas tipo “silo” e aparentemente sem quaisquer materiais de superfície que os indicassem (Cidade das Rosas 4, Pisões 5, Arroteia 6) ou com materiais de superfície restritos a uma área pequena e bem delimitada (Folha do Ranjão), poderão corresponder a pequenos sítios de *habitat*, talvez casais agrícolas, que não sendo eventualmente sazonais, corresponderão, no entanto, a ocupações muito limitadas no tempo.

Ocupações não tão limitadas no tempo serão as correspondentes aos pequenos povoados provavelmente fortificados situados em volta de Serpa. No entanto, estes sítios nunca foram objecto de qualquer escavação arqueológica, pelo que quaisquer ilações que se retirem tendo por base aquilo que se conhece – situação dos sítios, dimensões, artefactos recolhidos em prospecção superficial – não passarão de hipóteses a necessitarem de confirmação. Serão casais agrícolas fortificados? Ou serão atalaias de um povoado central? O do Castelo de Serpa seria um bom candidato para essa característica de centralidade.

Quanto aos grandes povoados de altura ou grandes povoados fortificados do Guadiana e afluentes, alguns deles poderão corresponder ao que BERROCAL-RANGEL & SILVA (2010, p. 429) escreveram referindo-se aos Ratinhos – “o Castro dos Ratinhos poderia corresponder a um desses “grandes povoados fortificados”, sede do poder dos “chefes-guerreiros”, retratados nas estelas do Sudoeste e onde prontificariam [pontificariam] as princesas que usavam as jóias maciças, de tipo “Berzocana-Estremoz”. Os povoados da Crespa, do Outeiro do Circo e da Serra Alta pelas suas dimensões, pelos seus locais de implantação, a dominarem importantes vias e corredores de penetração e áreas de excelente capacidade agrícola, pelo acervo artefactual que neles tem sido recuperado, poderão ser equiparados aos Ratinhos e constituírem, também, “sedes de poder dos chefes-guerreiros”. Embora junto ao Álamo se tenham encontrado as célebres jóias de ouro, este ocupa uma área bastante menor que a Serra Alta, o que aparentemente lhe confere uma menor importância. No entanto, para além de dominar conjuntamente com o povoado da Serra Alta o corredor de passagem entre a Serra da Adiça e a Serra da Preguiça, domina também o corredor entre a Serra da Adiça e a Serra de Belmeque. Tendo estes dois povoados ocupações sincrónicas, é admissível que o da Serra Alta seja o povoado dominante; tendo ocupações diacrónicas ambos poderão ter as características atribuídas ao castro dos Ratinhos. O Cerro da Mangancha parece ser um povoado importante, mas as suas dimensões não são comparáveis com, por exemplo, as do Outeiro do Circo e se não se provar a sua relação com a zona mineira de Aljustrel ou a existência de uma fortificação, o seu papel no sistema de povoamento daquela região poderá não ser muito relevante. Quanto aos da Misericórdia e do Laço, a montante da Crepa, também não parece que possam constituir “sedes de poder” como o referido para os Ratinhos. O do Passo Alto,

embora com um sistema de defesa até agora único no Sudoeste, e ocupando uma área relativamente grande, não tem a monumentalidade dos outros grandes povoados do Bronze Final do Sudoeste. Aliás, as defesas do Passo Alto foram antes interpretadas como tendo mais um aspecto simbólico do que propriamente de fortificação (SOARES *et al.*, 2012) – “*o fosso é demasiado pouco profundo para ter qualquer serventia de defesa; a existência de pedras de mármore e de xisto verde, pedras não locais, no campo de cavalos-de-frisa poderá interpretar-se como ritual ou tendo algum simbolismo; a zona essencialmente de habitat localiza-se bastante longe das estruturas defensivas e é demasiado pequena para um sistema defensivo tão complexo e elaborado. Uma interpretação para estes factos poderá ser a de que o Passo Alto estaria na fronteira do território de uma chefatura e daí o aspecto simbólico ou ostentoso do sistema de defesa como indicativo de uma nova realidade política e territorial que ali se iniciava*” (p. 273).

Se os povoados dos Ratinhos, do Outeiro do Circo, da Serra Alta e da Crespa são candidatos verosímeis a constituir as tais sedes de poder de “chefes guerreiros” ou sedes de chefaturas, qual o papel do grande povoado aberto de Santa Margarida? A raridade de testemunhos de actividades domésticas ou produtivas (agricultura, moagem, metalurgia) – ausência ou extrema raridade de elementos de mós manuais e de elementos de foice, tão vulgares nestes povoados, e também de produtos metalúrgicos ou de restos de actividades metalúrgicas – a preponderância da ornamentação brunida na cerâmica (já foram registados centenas de exemplares desta cerâmica provenientes dos 3 núcleos constituintes do sítio), a aparente ligação que o sítio manifesta relativamente ao elemento água – fica situado entre os barrancos da Carelinha e de Santa Ana, existindo junto a este, no sopé da colina, próximo do núcleo 3, uma fonte permanente de água – e a associação que tem sido proposta entre esta cerâmica e actos rituais, designadamente os ligados à água (CARDOSO, 1996, 1997/98, 2000; TORRES ORTIZ, 2002) permite equacionar a possibilidade de Santa Margarida configurar um sítio onde se praticavam rituais relacionados com a água e fortalecer a hipótese de as cerâmicas de ornatos brunidos se associarem a esses rituais (SOARES *et al.*, 2009). Santa Margarida seria, assim, não um sítio de *habitat* permanente, mas sim um local onde em determinadas ou determinada época do ano se reuniriam membros das populações que habitavam na região e onde seriam praticados rituais, porventura ligados à água.

4 - CONCLUSÕES

Os dados que temos actualmente à disposição sobre o povoamento do Bronze Final na bacia do Guadiana, no Baixo Alentejo interior, se por um lado permitem já inferir como se poderia dar a articulação entre os vários tipos de habitat, por outro lado muitas interrogações continuam a existir, designadamente sobre a sincronia ou a diacronia entre as diversas ocupações, o carácter sazonal ou permanente dos denominados povoados abertos, a função dos pequenos povoados aparentemente fortificados, que tipo de necrópoles usavam ou que rituais funerários praticavam essas populações, entre muitas outras questões ainda sem resposta ou com resposta problemática.

O modelo que se poderá construir para explicar e interpretar o registo arqueológico actual será necessariamente controverso ou, pelo menos, não passará de uma hipótese a ser testada no futuro com a aquisição de mais dados. Assim, os sítios de *habitat* conhecidos poderão agrupar-se em quatro tipos: *i)* grandes povoados de altura; *ii)* grandes povoados fortificados das margens do Guadiana e dos seus afluentes; *iii)* povoados abertos de planície; *iv)* pequenos povoados aparentemente fortificados. Nos dois primeiros grupos existirão as sedes das chefaturas, podendo o Outeiro do Circo, a Serra Alta, o Castelo de Serpa (se se provar aí a existência de um grande povoado do Bronze Final), os Ratinhos e a Crespa, dado as suas dimensões, a sua situação geográfica e o acervo artefactual que neles tem sido encontrado, preencher os requisitos para se terem tornado sedes de chefaturas. Outros povoados destes dois grupos, bem como os povoados abertos, sejam eles sazonais ou não, e os pequenos povoados aparentemente fortificados (apenas conhecidos em volta de Serpa) estariam na dependência daqueles

primeiros. O sítio aberto de Santa Margarida, onde o conjunto de artefactos nele registado, quer em prospecção superficial, quer em escavação arqueológica, se resume praticamente a milhares de fragmentos cerâmicos, com quase ausência total de outros artefactos relacionados com actividades domésticas e de produção, será um local de reunião de populações da margem esquerda do Guadiana, onde se praticariam rituais, porventura relacionados com a água, e de que as centenas de fragmentos cerâmicos com ornatos brunidos aí encontrados serão testemunho.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos aos colegas Ana Sofia Antunes, Eduardo Porfírio, José Matos Martins, Lídia Baptista, Lurdes Oliveira, Manuela de Deus, Miguel Serra, Patrícia Bargão, Paulo Rebelo, Pedro Barros, Pedro Valério, Rui Monge Soares e Samuel Melro que, através da colaboração em Projectos de Investigação, da cedência de materiais ou de discussões frutuozas, tornaram possível este trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C., COSTEIRA, C.; ESTRELA, S. PORFÍRIO, E., SERRA, M., SOARES, A.M.M. & MORENO-GARCIA, M. (2010) – Hipogeuos Funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). O Sudeste no Sudoeste? *Zephyrus*. Salamanca. 66, p. 133-153.
- ANTUNES, A.S.; DEUS, M.; SOARES, A.M.M.; SANTOS, F.; ARÊZ, L.; DEWULF, J.; BAPTISTA, L. & OLIVEIRA, L. (2012a) – Povoados Abertos do Bronze Final no Médio Guadiana. In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed.- *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final (Anejos de AEspA LXII)*. Mérida. p. 277-308.
- ANTUNES, A.S.; GUERREIRO, A.; CASTRO, A.N.; FIALHO, L.; MANTEIGA, M.; VIEGAS, V. & BRAGA, J. (2012b) – Serpa entre a Idade do Ferro e a Época Moderna. Breve leitura dos resultados das escavações arqueológicas realizadas no Castelo. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 441-464.
- ARMBRUSTER, B & PARREIRA, R., eds. (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. 1º Volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- BAPTISTA, L. & GOMES, S. (2012) – Cidade das Rosas 4 (S. Salvador, Serpa): breve notícia sobre os fragmentos cerâmicos com ornatos brunidos. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 605-614.
- BARROS, L. & SOARES, A.M.M. (2005) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no Estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 333-352.
- BERROCAL-RANGEL, L. & SILVA, A.C. (2010) – *O Castro dos Ratinhos. Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana* (O Arqueólogo Português, Suplemento nº 6). Lisboa.
- BOTTAINI, C., SERRA, M. & PORFÍRIO, E. (2012) – Metais da Idade do Bronze do Museu de Beja. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 631-646.
- CAEIRO, J.O.S. (1978) – Observações sobre a cerâmica comum romana do século III proveniente da Cidade das Roas, Serpa. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1, p. 251-271.

- CARDOSO, J.L. (1996) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J.L. (1997/98) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 155-167.
- CARDOSO, J.L. (2000) – Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 5, p. 61-99.
- CATANZARITI, G.; McINTOSH, G.; SOARES, A.M.M., DÍAZ-MARTÍNEZ, E; KRESTEN, P. & OSETE, M.L. (2008) – Archaeomagnetic dating of a vitrified Wall at the Late Bronze Age settlement of Misericórdia (Serpa, Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 35, p. 1399-1407.
- DAVEAU, S. (1988) – Comentários e actualização [ao Capítulo V – As Águas]. In RIBEIRO, O. & LAUTENSACH, H., *Geografia de Portugal. II O Ritmo Climático e a Paisagem*. Lisboa: Edições João Sá da Costa. p. 487-535.
- DEUS, M.; ANTUNES, A.S. & SOARES, A.M.M. (2010) – A Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste. In PÉREZ MACÍAS, J.A., ROMERO BOMBA, E., eds.- *Actas del IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad. p. 514-543.
- DEUS, M.; ANTUNES, A.S. & SOARES, A.M.M. (2012) – Santa Margarida (Serpa) no contexto do Bronze Final do Sudoeste. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 171-188.
- DIAS, M.M.A. & SOARES, A.M.M. (1988-1989) – Os lateres “*ex officina Vincinti*” do sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 6/7, p. 263-269.
- DÍAZ-MARTINEZ, E., SOARES, A.M.M., KRESTEN, P. & GLAZOVSKAYA, L. (2005) – Evidence for Wall vitrification at the Late Bronze Age settlement of Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 151-161.
- DOMERGUE, C. & ANDRADE, R.F. (1971) – Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal). Note Préliminaire. *Conimbriga*. Coimbra. 10, p. 99-116.
- FARIA, A.M. & SOARES, A.M.M. (1998) – Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 153-160.
- FEIO, M. (1983) – *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. Évora: Centro de Ecologia Aplicada da Universidade de Évora, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- FLORES, F. A. & ARAÚJO, C. (1945) – História da exploração da mina de Ruy Gomes. *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Lisboa. 1, p. 139-143.
- GONÇALVES, A. P., SOARES, A. M. M., SILVA, A. C. & BERROCAL-RANGEL, L. (2011). Stone Beads from Late Bronze Age and Early Iron Age Settlements from South-Western Portugal: Analyses by X-Ray Diffraction. In TURBANTI-MEMMI, I., ed. – *Proceedings of the 37th International Symposium on Archaeometry (13th-16th May 2008, Siena, Italy)*. Heidelberg: Springer-Verlag. Part 2, p. 227-231.
- HANNING, E.; GAUß, R. & GOLDENBERG, G. (2010) – Metal for Zambujal: experimentally reconstructing a 5000-year-old technology. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 67:2, p. 287-304.
- LIMA, J. F. (1980) – Castro dos Ratinhos (Moura, Baixo Alentejo, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 233-237.

- LOPES, M. C., CARVALHO, P. C. & GOMES, S. M. (1997) – *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal.
- MATALOTO, R.; SOARES, A. M. M. & MARTINS, J. M. M. (2013) –
- MÜLLER, R.; GOLDENBERG, G.; BARTELHEIM, M.; KUNST, M. & PERNICKA, E. (2007) – Zambujal and the beginnings of metallurgy in southern Portugal. In LA NIECE, S.; HOOK, D.; CRADDOCK, P., eds.- *Metals and Mines. Studies in Archaeometallurgy*. London: Archetype Publications, The British Museum, p. 15-26.
- PARREIRA, R. (1971-1975) – O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja). *Arquivo de Beja*. Beja. 28-32, p. 31-45
- PARREIRA, R. (1983) – O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p. 149-168.
- PARREIRA, R. & SOARES, A. M. (1980) – Zu einigen bronzezeitlichen Höhensiedlungen in Südpotugal. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 21, p. 109-130.
- PORFÍRIO, E. & SERRA, M. (2012) – Arroteia 6 (Mombeja – Beja) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 615-630.
- RIBEIRO, F. (1972) – *A vila romana de Pisões*. Beja: edição do Autor.
- RUIZ MATA, D. (1995) – Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico. In *Tartessos 25 años después (1968-1993)*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento de Jerez de la Frontera. p. 265-313.
- SCHUBART, H. (1974) – La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular. Distribución y definición. *Miscelánea Arqueológica*. Barcelona. 2, p. 345-370.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen 9. Berlin.
- SERRA, M. & PORFÍRIO, E. (2012) – O Bronce Final nos “Barros de Beja”. Novas perspectivas de investigação. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 133-148.
- SOARES, A. M. M. (1988) – O povoado do Passo Alto. Escavações de 1984. *Arquivo de Beja*. Beja. 2ª Série, 3, p. 89-99.
- SOARES, A. M. M. (1994) – O Bronce do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. As Necrópoles do Concelho de Serpa. *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 179-197.
- SOARES, A. M. M. (1996) – Povoado da Misericórdia (Margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos. *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 103-116.
- SOARES, A. M. M. (2003) – O Passo Alto: uma fortificação única do Bronce Final do Sudoeste. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 293-312.
- SOARES, A. M. M. (2005) – Os povoados do Bronce Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 111-145.

- SOARES, A. M. M. (2007) – Cavalos-de-frisa e muralhas vitrificadas no Bronze Final do Sudoeste. Paralelos europeus. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 15, p. 155-182.
- SOARES, A. M. M. (2012) – A Idade do Bronze no Morro de Mangancha. In *Abditas Terras. Investigações Arqueológicas em Aljustrel (2006-2008)*. Huelva: Ediciones Consulcom. p. 93-104.
- SOARES, A. M. M.; ANTUNES, A.S. & DEUS, M. (2012) – O Passo Alto no Contexto dos Povoados Fortificados do Bronze Final do Sudoeste. In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed.- *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final (Anejos de AEspA LXII)*. Mérida. p. 249-276.
- SOARES, A. M. M., ANTUNES, A. S., QUEIROZ, P. F., DEUS, M., SOARES, R. M. G. & VALÉRIO, P. (2010) – A ocupação sidérica do Passo Alto (V.V. de Ficalho, Serpa). In PÉREZ MACÍAS, J. A., ROMERO BOMBA, E., eds. – *Actas del IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad. p. 544-554.
- SOARES, A. M. M. & BRAGA, J. R. (1988) – Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no castelo de Serpa. *Arquivo de Beja*. Beja. 2ª série, 3, p. 167-198.
- SOARES, A. M. M.; DEUS, M. & CORREIA, J. (2008) – A Necrópole dos Carapinhais (Sobral da Adiça, Moura). *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Vipasca, 2ª Série, 2)*. Aljustrel. p. 180-190.
- SOARES, A. M. M. & MARTINS, J. M. M. (2010) – A cronologia absoluta para o Castro dos Ratinhos: Datas de Radiocarbono. In eds.- *O Castro dos Ratinhos. Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana (O Arqueólogo Português, Suplemento nº 6)*. Lisboa. p. 409-414.
- SOARES, A. M. M.; PÉREZ MACÍAS, J. A.; MARTINS, A.; SOARES, R. M. & PEREIRA, C. (in press) – As ocupações do Bronze Final e da Época Romana do Cerro da Mangancha. Resultados preliminares de duas campanhas de escavação. *Actas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Villafranca de los Barros, Outubro 2012)*.
- SOARES, A. M. M.; SANTOS, F.J.C.; DEWULF, J.; DEUS, M. & ANTUNES, A. S. (2009) – Práticas Rituais no Bronze do Sudoeste – Alguns Dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 433-456.
- TORRES ORTIZ, M. (2002) – *Tartessos*. Madrid: real Academia de la Historia (Bibliotheca Archaeologica Hispana, 14; Studia Hispano-Phoenicia, 1)
- VAIRINHO, M., SOUSA, A. J., OLIVEIRA, V., GUERREIRO, L. & GONÇALVES, A. (1991) – Tratamento geomatemático e cartografia de dados de prospecção geoquímica da região de Moura-Ficalho. *Geociências*. Lisboa. 6:1-2, p. 145-159.
- VALÉRIO, P.; SILVA, R.J.C.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; FERNANDES, F. M. Braz ; SILVA, A. C. & BERROCAL-RANGEL, L. (2010). Technological continuity in Early Iron Age bronze metallurgy at the South-Western Iberian Peninsula – a sight from Castro dos Ratinhos. *Journal of Archaeological Science*. 37, p. 1811-1819.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; SILVA, R. J. C.; ARAÚJO, M. F.; REBELO, P.; NETO, N.; SANTOS, R. & FONTES, T. (2013) – Bronze production in Southwestern Iberian Peninsula: the Late Bronze Age metallurgical workshop from Entre Águas 5 (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 40, p. 439-451.